

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL – ICHPO
CURSO DE GEOGRAFIA

ANGELICA MAYARA DE SOUZA

**CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre o trabalho
informal e a territorialidade das sacoleiras no município de Ituiutaba – MG**

ITUIUTABA

2022

ANGELICA MAYARA DE SOUZA

CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre o trabalho informal e a territorialidade das sacoleiras no município de Ituiutaba – MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado e Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Pereira Portuquez.

ITUIUTABA

2022

ANGÉLICA MAYARA DE SOUZA

CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA: Um estudo sobre o trabalho informal e a territorialidade das sacoleiras no município de Ituiutaba – MG

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Anderson Pereira Portugal – Orientador (UFU)

Profa. Dra. Joelma Cristina dos Santos (UFU)

Prof. Dra. Maria Angélica de Oliveira de Magrini (UFU)

Ituiutaba – MG, _____ de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que com sua infinita bondade, foi meu sustento em todos esses anos, na universidade e fora dela.

Aos meus pais, Epitácio Tobias de Souza e Ana Divina Ferreira de Souza, por todo amor, carinho e pelo incentivo aos estudos.

À minha irmã, Andressa Aparecida de Souza, que mesmo não demonstrando seus sentimentos, sei que torce por mim.

Ao meu namorado, Leonardo Siqueira Martins, que está comigo desde quando iniciei minha graduação e permanece, me dando apoio.

À minha amiga, Kênia Marçal dos Santos, que está ao meu lado desde os meus dez anos de idade, torcendo por mim e pelas minhas escolhas.

Ao meu orientador, Anderson Pereira Portugal, a quem passei a admirar através de suas aulas; não só sua intelectualidade, mas seu lado humano ao falar/repudiar sobre os diversos preconceitos existentes na sociedade.

Aos demais professores do Curso de Geografia, a quem lembrarei sempre, com grande carinho.

Às minhas amigas, Lauriane Mendes, Gabriela Carolina Marion, Lorena Lacerda Lima, Graciele Gomes, com quem dividi várias experiências e aprendizados, no decorrer dessa trajetória.

Por fim, agradeço a toda a minha família, que me parabenizou e que esboçou felicidade ao relatar minha aprovação na universidade; avós, padrinho, madrinha, tios e primos.

RESUMO

O presente estudo teve como tema o trabalho informal das “sacoleiras” no município de Ituiutaba – MG, que foi relacionado à teoria dos dois circuitos da economia urbana, de Milton Santos. O objetivo geral deste trabalho é compreender as territorialidades das sacoleiras no município de Ituiutaba. A metodologia utilizada para dar início ao trabalho foi a revisão de literatura, garantindo embasamento científico. Como complemento da pesquisa, o método utilizado foi quantitativo e qualitativo; portanto, foi necessário aplicar uma entrevista semiestruturada a 27 sacoleiras, garantindo informações relevantes e solicitação de fotos via WhatsApp. Como resultado da pesquisa, observa-se a precariedade deste trabalho, relatada pelas sacoleiras no que se refere à oscilação da renda, ao fato de não ter férias e à necessidade de trabalhar muito, pois são responsáveis pela busca da mercadoria, publicidade, vendas, entrega e parte econômica. Por outro lado, muitas relatam os benefícios de serem sacoleiras, por administrarem seus horários, garantindo e conciliando com demais atividades diárias, desde a maternidade, cuidados com a casa, estudos e lazer.

Palavras-chave: Circuito inferior. Economia urbana. Trabalho informal. Territorialidade. Sacoleiras. Ituiutaba-MG.

ABSTRACT

The present study had as its theme the informal work of the "salespeople" in Ituiutaba - MG, which was related to the theory of the two circuits of urban economy, by Milton Santos. The general objective of this work is to understand the territorialities of the " salespeople " in the municipality of Ituiutaba. The methodology used to begin the work was the literature review, ensuring a scientific foundation. As a complement to the research, the method used was quantitative and qualitative; therefore, it was necessary to apply a semi-structured interview to 27 salespeople, ensuring relevant information and requesting photos via WhatsApp. As a result of the research, it is observed the precariousness of this work, reported by the women in relation to the income oscillation, the fact of not having vacations and the need to work a lot, because they are responsible for the search of merchandise, advertising, sales, delivery and economic part. On the other hand, many report the benefits of being a sacoleiras, for managing their schedules, ensuring and conciliating with other daily activities, from maternity, home care, studies and leisure.

Palavras-chave: Lower circuit. Urban economy. Informal work. Territoriality. Salespeople. Ituiutaba-MG.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de Ituiutaba.....	12
Figura 2: Estimativa da evolução populacional do município de Ituiutaba	14
Figura 3: Movimento “Trabalhados sem direitos”.....	16
Figura 4: Frigorífico JBS – Unidade Ituiutaba.....	19
Figura 5: Informalidade no mercado de trabalho.....	32
Figura 6: Quantidade de MEIs no município de Ituiutaba	35
Figura 7: Redes Sociais/ Instagram Sacoleira	43
Figura 8: Armazenamento na garagem da sacoleira.....	45
Figura 9: Mapa da territorialidade da sacoleira Adila.....	50
Figura 10: Mapa da territorialidade da sacoleira Ana.....	51
Figura 11: Mapa da territorialidade da sacoleira Terezinha	52
Figura 12: Mapa da territorialidade da sacoleira Judith.....	53
Figura 13: Mapa da territorialidade da sacoleira Odete.....	54
Figura 14: Mapa da territorialidade da sacoleira Doliria.....	55

GRÁFICOS

Gráfico 1: Uso de Tecnologias	22
Gráfico 2: Uso de Tecnologias	23
Gráfico 3: Total de pessoas por nível de instrução.....	27
Gráfico 4: Já ouviu falar sobre o MEI?	36
Gráfico 5: Idades das sacoleiras	38
Gráfico 6: Tempo que exerce o trabalho de sacoleira	38
Gráfico 7: Estado civil das sacoleiras.....	39
Gráfico 8: Renda mensal das sacoleiras.....	42
Gráfico 9: Capital investido pelas sacoleiras.....	46
Gráfico 10: Escolaridade das sacoleiras	47

QUADROS

Quadro 1: Características e diferenças entre os circuitos superior e inferior	21
---	----

TABELAS

Tabela 1: Rendimento médio de trabalhadores acima de 16 anos ou mais de idade.....	26
Tabela 2: População de Ituiutaba por sexo	28
Tabela 3: População ocupada em trabalhos formais	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA.....	16
2. CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR DA ECONOMIA URBANA	19
3. A MULHER E O TRABALHO.....	25
3.1 A luta feminina pelos direitos trabalhistas.....	25
3.2 Trabalho informal e seus conceitos	30
3.3 Política pública para trabalhadores informais: Microempreendedor Individual – MEI	33
4. O TRABALHO DAS SACOLEIRAS NO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA	37
4.1 A relação da Territorialidade com o trabalho de sacoleira	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE	62
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	63

1. INTRODUÇÃO

Na teoria dos dois circuitos da economia urbana, Milton Santos deixa claro que ambos os processos decorrem da modernização. De um lado, os agentes hegemônicos se beneficiam de capital intensivo e das tecnologias; de outro, os agentes não hegemônicos, que fazem parte do circuito inferior da economia, se encontram com pouco capital e com pouca tecnologia e precisam, necessariamente, de criatividade e de trabalho. Esse trabalho é exercido pelo aspecto informal. No Brasil, estima-se que grande parte da população desempenha tal atividade; portanto, estudar essa forma de trabalho na economia globalizada é necessário, pois esta vem se tornando um problema estrutural.

É importante ressaltar que trabalhadores lutaram por seus direitos há anos, assegurados pela CLT e pela legalização de atividades trabalhistas. Entretanto, com a economia globalizada há um retrocesso, reduzindo postos de trabalho formais em virtude de fatores como o crescimento demográfico urbano, que aconteceu de forma acelerada e sem planejamento; o avanço das tecnologias; a queda do emprego industrial, com a reestruturação produtiva do capital; entre outros problemas, devido aos quais não foi possível absorver toda a mão de obra existente, ocasionando, assim, o aumento do desemprego.

Contudo, como consequência do desemprego, vê-se trabalhadores inserirem-se em ocupações informais como forma de obterem renda mínima para sobreviver. Essa forma de trabalho divide opiniões. De um lado, muitos optam por trabalhar informalmente pela flexibilidade de horas trabalhadas e por criarem expectativas de se tornarem empreendedores; do outro lado, há um aumento de trabalhos sem proteção social, sem vínculos trabalhistas e a precarização do trabalho.

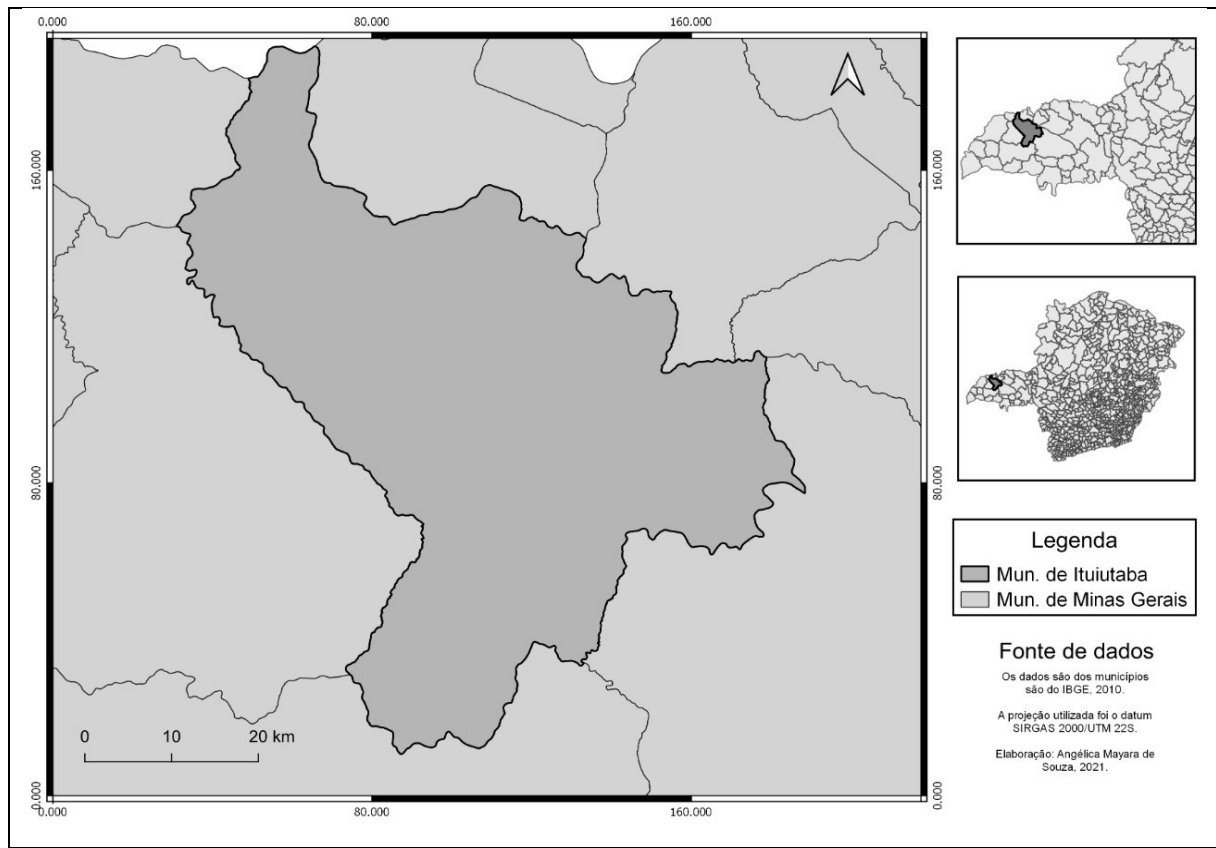
O trabalho informal do século XXI é reflexo das transformações ocorridas nos âmbitos político, social e econômico, e desperta a curiosidade e o interesse de estudiosos, críticos e pesquisadores de diversas áreas da ciência, pois essa atividade vem se tornando uma espécie de solução provisória ao problema estrutural do desemprego no país. Portanto, o objetivo desse estudo é contribuir com o debate acerca do crescimento do trabalho informal. Com isso, pretende-se investigar por quais motivos mulheres¹ exercem essa atividade, as precariedades encontradas no trabalho informal, as vantagens encontradas nessas ocupações, bem como a falta de interesse e de incentivo do poder público para reverter a situação através de políticas públicas que regularizem essas atividades, trazendo benefícios ao trabalhador e à economia.

¹ Neste texto, nos referimos à mulher cisgênero e transgênero.

Antes de dar continuidade na introdução é válido informar por qual motivo escolhi falar sobre o trabalho de sacoleira, simplesmente porque me tornei uma, meu pai foi bem importante no início pois me deu todo o aporte financeiro, aliás eu era apenas uma menina de 17 anos sem um tostão no bolso, durante os cinco anos que me aventurei nesse trabalho, não teve uma viagem sequer que minha mãe não estava ao meu lado, tanto para ajudar a carregar a mala pesada de roupas, quanto a preocupação em deixar sua filha só em uma cidade desconhecida. Enfim, a experiência foi incrível, aprendi muito, amadureci e o mais importante fui muito feliz, hoje sigo novos caminhos.

Sendo assim, a presente monografia está distribuída em quatro sessões, incluindo esta Introdução, que se constitui como o primeiro capítulo. O segundo capítulo contém os objetivos gerais e específicos, a justificativa sobre o que me levou à realização desta pesquisa e a metodologia utilizada para realização desta. Por conseguinte, o referencial teórico apresenta teoria dos dois circuitos da economia, de Milton Santos; as transformações no território que ocorreram por meio do trabalho; a luta das mulheres pelo direito ao trabalho; e também debates de estudiosos acerca dos conceitos de *informalidade* e *trabalho informal*. É analisado, também, como essa atividade é realizada pelas sacoleiras no município de Ituiutaba – MG. Além disso, é discorrido sobre uma das políticas públicas feitas para a formalização dessa atividade, conhecida como MEI – Microempreendedor Individual; e, por fim, são apresentados os resultados da pesquisa.

A área de estudo localiza-se na porção oeste do estado de Minas Gerais, inserida na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, mais especificamente na Microrregião de Ituiutaba (Figura 1). Possui, aproximadamente, 97.171 habitantes, sendo 4.046 residentes na área rural e 93.125 na área urbana, distribuídos em um território de 2.598.046 km² (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

Figura 1: Mapa de localização de Ituiutaba

Fonte: IBGE (2010).

Historicamente, um dos atrativos econômicos que marcou Ituiutaba foi o ciclo do garimpo (extração de diamantes). Segundo Silva (1997), no período de 1935 a 1945 o município viveu o ciclo do garimpo, em virtude da descoberta de jazida de diamantes no rio Tijucu e em outros rios da região, o que intensificou a circulação de pessoas e de mercadorias, dinamizou o comércio e atraiu pessoas de diversas regiões do país.

Com a decadência do garimpo, Ituiutaba passa a investir na agricultura e na agropecuária. Portanto, essas atividades trouxeram consigo ofertas de mão de obra. Logo, a chegada do matadouro industrial transformou a região em um grande centro de recriador de gado. Ressalta-se que a agricultura cultivada na região serviria apenas para alimentar os gados desse matadouro. De acordo com Chaves (1971), a pecuária, ao lado da agricultura, foi responsável por parte do desenvolvimento de Ituiutaba (MG), pois estava diretamente vinculada ao processo de industrialização. Para ele,

O gado bovino ocupa ainda o primeiro lugar nas estatísticas mineiras e fornece leite para duas fábricas de manteiga. Uma charqueada abate a industrializada a produção de bois engordados nas pastagens mais distantes do vale. Enfim, é a indústria aliada a pecuária e a agricultura, é a industrialização “in loco” de toda produção do município [...]. (CHAVES, 1971, P.48).

Na segunda metade do século XX, o município teve como base a economia arroseira; os migrantes sírio-libaneses trouxeram máquinas em benefício a essa produção, que estava em alta. Este período foi importante, haja vista os investimentos em infraestrutura, asfaltamento, água encanada, saneamento básico e em energia elétrica, bem como a expansão de loteamentos urbanos, além de comércios e investimentos em estradas – para facilitar o escoamento da produção e conectar a cidade, em escala nacional.

Assim, com base no capital originado pelo arroz, [...] a cidade começou a melhor equipar-se com serviços de água, energia elétrica, comércio e serviços diversificados, expansão de loteamentos urbanos e novas atividades, que iria beneficiar a população, que crescia vertiginosamente nesse período [...] As mudanças no espaço urbano ocorreram paralelamente às do espaço rural: “levas” de trabalhadores nordestinos chegaram ao município de Ituiutaba e tornaram-se agentes transformadores do Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional Catalão 279 campo, responsabilizados pelas roças de arroz, milho e feijão [...] O Capital investido no campo teve retorno na cidade de modo gradual: cresceu o número de habitantes, residências e casas de comércios, serviços e indústrias ligadas à atividade agrícola (OLIVEIRA, 2003, p.16-17; 64).

Na década de 1970, o município sofre mudanças em relação à sua base econômica. Portanto, a indústria se alavanca, trazendo consigo a instalação da fábrica Nestlé, resultando no crescimento da produção de leite. Oliveira (2003) destaca que a instalação da unidade industrial da Nestlé para a produção de leite em pó também foi responsável por induzir transformações na organização do campo da Microrregião, uma vez que reestruturou as relações comerciais e econômicas dos municípios.

Sua presença gerou a necessidade entre os fazendeiros de se adaptarem ao sistema tecnológico que a Nestlé exigiu, “tudo por uma melhor qualidade do produto”; sua instalação passa a ser causa/consequência da especialização leiteira da Microrregião de Ituiutaba e o seu nome passa a ter um importante significado para a cidade (OLIVEIRA, 2003, p.99).

Em 1980, a agropecuária é a maior responsável pela oferta de empregos. Nesta cidade, as exigências impostas pela produção agropecuária foram as responsáveis pelas dinâmicas espaciais e pelos processos urbanos recentes, uma vez que possibilitaram mudanças na estrutura técnica produtiva, nas atividades econômicas predominantes e na organização espacial do centro urbano (OLIVEIRA, 2013).

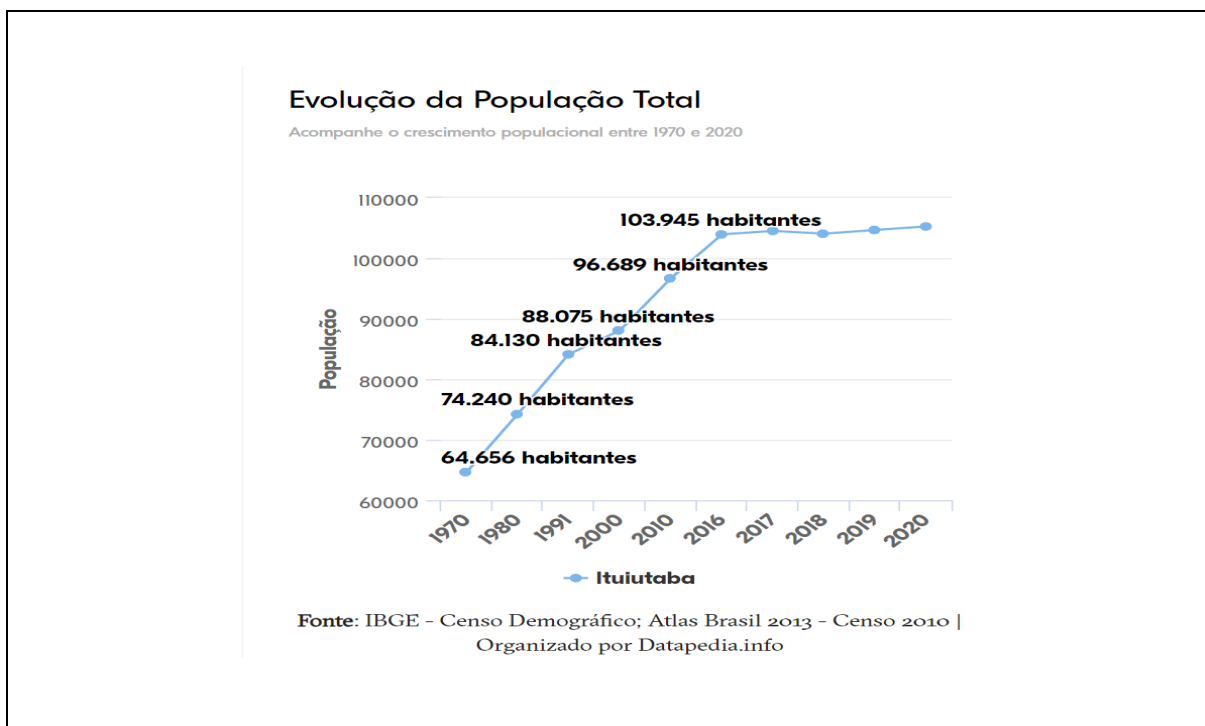
Após perceber a importância da indústria para o município, foi implantado o Bairro Industrial. Em 1990, há um maior investimento na infraestrutura urbana, como a implantação da estação de tratamento de água e esgoto e do aterro sanitário.

No início do século XXI houve expansão das lavouras de cana de açúcar para a produção de etanol, açúcar e energia. A colheita, que ainda era manual, trouxe consigo imigrantes nordestinos, que vendiam sua mão de obra. Com a mecanização, a maioria desses trabalhadores perderam seus empregos, pois foram substituídos pelas máquinas; máquinas essas que, para serem conduzidas, exigem certo grau de escolaridade e CNH – Carteira Nacional de Habilitação.

Com a chegada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) a Ituiutaba, em 2006, a economia do município volta a se movimentar e se destaca no setor de serviços. Para Nascimento e Melo (2010), Ituiutaba é referência, principalmente, no setor terciário, pela presença de instituições de ensino, equipamentos de saúde e estabelecimentos comerciais e de serviços, em geral, para os municípios de menor porte, que estão localizados na sua área de influência.

Diante dessas informações, o município de Ituiutaba se consolida, ultrapassando a marca de 100.000 habitantes, como mostra a Figura 2:

Figura 2: Estimativa da evolução populacional do município de Ituiutaba



Fonte: IBGE (2013).
Org: SOUZA, A. M. (2021).

O objetivo geral deste trabalho é compreender as territorialidades das sacoleiras no município de Ituiutaba. Os objetivos específicos consistem em: a) caracterizar o que é trabalho formal e informal; b) relacionar a teoria dos dois circuitos da economia urbana, de Milton Santos, com o trabalho de sacoleira; c) analisar o trabalho das sacoleiras do município de Ituiutaba e como elas se territorializam; d) ressaltar a política pública do Microempreendedor Individual; e) descrever a luta pelas quais mulheres garantiram seu direito ao trabalho; e f) analisar as redes sociais como fator predominante de vendas.

Sabemos que a sociedade atual foi produzida e transformada através do trabalho. Por longos anos, trabalhadores lutaram para conquistar a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e para garantir direitos através do trabalho formal; entretanto, com a atual economia globalizada, grande parte da população não se beneficia desses direitos, pois o mercado de trabalho não consegue absorver toda a mão de obra existente, levando à procura pelo trabalho informal que, conseqüentemente, ocasiona exclusão social, pois o poder público falha em criar melhores condições e dignidade aos trabalhadores marginalizados.

Em 2022, precisamente no mês de maio, foi criado um movimento “Trabalhadores sem direitos”, que teve o objetivo de alavancar o debate acerca da expansão de trabalhadores informais no país. O movimento ocorreu na escadaria do Teatro municipal de São Paulo, onde trabalhadores se reuniram para reivindicar seus direitos. Gilvania Gonçalves, coordenadora do movimento, relata essa união e planejamento para lutar contra a discriminação, precariedade e invisibilidade dos trabalhadores informais, além de cobrar do poder público seus direitos assegurados.

Figura 3: Movimento “Trabalhados sem direitos”



Fonte: Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/trabalhadores-sem-direito-surge-um-novo-movimento-social/>.

Nesse sentido, uma vez que esses trabalhadores legalizem suas atividades, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro poderia ter um aumento de até 20%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Portanto, pontua-se que são escassos os estudos a respeito da categoria “sacoleiras” na perspectiva da informalidade no Brasil e das dificuldades que as mulheres têm para entrar no mercado de trabalho, pela discriminação ao gênero² feminino e ou simplesmente por terem filhos.

METODOLOGIA

Para aprofundar o conhecimento e melhor fundamentar o conteúdo do trabalho, foi realizado o levantamento bibliográfico, através de materiais científicos como artigos, monografias, dissertações e teses. A pesquisa bibliográfica é obrigatória na maioria dos

² No sentido da identidade de gênero, que consiste no modo como o indivíduo se identifica.

trabalhos científicos, pois é por meio dela que se toma conhecimento sobre a produção científica existente. A esse respeito, Beuren e Raupp (2004) esclarecem que

O estudante, na elaboração do trabalho monográfico, sempre se valerá desse tipo de pesquisa, notadamente por ter que reservar um capítulo do trabalho para reunir a teoria condizente com seu estudo, normalmente chamado de revisão de literatura ou fundamentação teórica (BEUREN; RAUPP, 2004, p. 87).

As demais metodologias seguirão as taxionomias propostas por Vergara (2007), que distingue os seguintes tipos de pesquisas: descritiva, explicativa e aplicada.

- Descritiva, porque se pretende expor sobre as principais características do trabalho informal no município de Ituiutaba;
- Explicativa, porque tem como objetivo buscar explicações que levem a um melhor entendimento sobre os principais fatores que causam a busca pelo trabalho informal de sacoleira no município de Ituiutaba;
- Aplicada, pois, ao concluir a pesquisa, o resultado poderá servir como base para tomada de decisão pelos gestores públicos, no que diz respeito à elaboração de políticas públicas que solucionem ou amenizem a precarização dessa atividade.

Por estarmos em um momento pandêmico³, em que o isolamento social é uma medida protetiva eficaz, e considerando a recomendação da própria Universidade de que as pesquisas de campo sejam realizadas a distância nesse período, o diálogo com as participantes foi feito através do *WhatsApp*. Por meio desse diálogo, as entrevistadas responderam ao questionário através de áudios enviados por meio do referido aplicativo de mensagens. As respostas foram transcritas igualmente às falas das entrevistadas. Neste texto, essas respostas serão apresentadas por meio de citações diretas. Assim, os dados serão coletados para dar suporte à conclusão da pesquisa.

Foi auxiliado pelo orientador a quantidade mínima de 25 sacoleiras, a partir do número estabelecido fui em busca dessas trabalhadoras, algumas já eram conhecidas pelo fato de já ter sido sacoleira, facilitando o diálogo e pedindo mais indicações, as demais foram encontradas nos grupos de compra e venda do Facebook, sempre que via alguma publicação de mulheres vendendo suas mercadorias, enviava a mensagem e explicava o motivo de estar entrando em contato, obviamente muitas negaram a participação, pôr fim a última alternativa para garantir as 25 foi entrando em contato com a guia pela qual organizava as viagens, enfim consegue um total de 27 sacoleiras.

³ Em decorrência da Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

Com o contato delas em mãos eu explicava o motivo pelo qual estaria entrando em contato e quando confirmava que participaria da pesquisa, após enviar todas as perguntas pedia para que respondesse em áudio, 1 áudio para cada pergunta para facilitar o entendimento, algumas preferiram responder todas as perguntas em apenas um áudios e muitas não se sentiram confortáveis em responder por áudios e preferiram escrever, a partir daí responder por áudio não foi uma imposição pela dificuldade encontrar trabalhadoras que se permitia participar.

O universo investigado são as trabalhadoras informais do município de Ituiutaba. A amostra é formada por 27 mulheres de 18 a 68 anos que praticam a atividade de sacoleira por, pelo menos, seis meses. O método utilizado para obter as informações foi a entrevista semiestruturada. Para Minayo (2009, p. 64-66) a “entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Após a realização das entrevistas, foi feita a coleta de dados. Esses dados foram reunidos e manipulados considerando o conteúdo, a idade da trabalhadora, o motivo pelo qual escolheu essa atividade, há quanto tempo exerce a atividade, renda etc. A partir dessas informações, foram elaborados gráficos e quadros que facilitaram a análise, sendo possível observar as causas e motivos pelos quais essas mulheres atuam no trabalho informal.

2. CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR DA ECONOMIA URBANA

Baseado na teoria de Trotsky sobre o desenvolvimento desigual e combinado, Milton Santos apresentou a teoria dos dois circuitos da economia urbana, em 1960. Denominando os circuitos superior e inferior, o autor explica a produção do espaço urbano, organização, distribuição e o consumo de bens e serviços dos países subdesenvolvidos.

A formação do circuito superior advém diretamente da modernização econômica, sendo que suas atividades são fundamentadas no denso uso de tecnologia moderna, na necessidade de capital para o desenvolvimento do negócio, na organização burocrática das ações colocadas em baila e na macro escala de atuação, com atividades relacionadas às escalas estadual, macrorregional, nacional e/ou mundial (SILVA, 2012). Já o circuito inferior é constituído por atividades com baixos ou inexistentes níveis de tecnologia e/ou capital para seu desenvolvimento.

O circuito superior da economia urbana é composto por bancos, pelo comércio moderno (grandes lojas, redes de comércio, supermercados, hipermercados), pela indústria de exportação, pela indústria moderna, pelos serviços modernos, por atacadistas e transportadores (SANTOS, 2008). O circuito inferior é formado “Pelos serviços não modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão” (SANTOS, 1979, p. 31) e interessando, principalmente, a populações pobres; é bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região (SANTOS, 1979).

Figura 4: Frigorífico JBS – Unidade Ituiutaba



Fonte: Disponível em: <https://regionalzao.com.br/noticia/49173/ituiutaba-frigorifico-realizara-processo-seletivo-com-mais-de-30-vagas>.

Embora Ituiutaba seja um município de importante destaque em sua microrregião por possuir atividades do circuito superior da economia, como a usina de Bioenergia BP Bunge, o Frigorífico JBS, a agroindústria leiteira Nestlé, o Canto de Minas e mercados atacadistas, existe um grande número de atividades do circuito inferior, como comércios de pequeno porte, e um grande número de trabalhadores informais. Exemplo disso são os vendedores ambulantes e a atividade de “sacoleira”, que vem crescendo entre as mulheres, no município, por não ser uma atividade burocrática, por não exigir qualificação profissional, capital intensivo e por poder ser realizada sem regulamentação, em suas casas.

Os moradores do município em estudo possuem salários médios mensais, conforme o IBGE (2019), de 2.1 salários mínimos⁴. A proporção de pessoas ocupadas era de 22.5%, cerca de 23.501 pessoas. De acordo com Milton Santos (1979), países subdesenvolvidos contam com grandes desigualdades em rentabilidade; com isso, a população que não possui poder aquisitivo se distancia dos bens de consumo e serviços, dificultando o acesso aos mesmos.

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços (SANTOS, 1979, p. 29).

Conforme destacado pelo próprio autor, o circuito inferior “[...] está em processo de transformação e adaptação permanente [...]” (SANTOS, 1979, p. 29). Mesmo desprovido de capital intensivo, o circuito inferior da economia urbana se reinventa, de formas criativas, para se manter, sendo flexível e passível de adaptação às novas conjunturas econômicas.

Para Santos (2008, p. 204), o ingresso nas atividades do circuito inferior geralmente é fácil, na medida em que, para isso, é necessário mais trabalho que capital. Santos (2008) argumenta que nem sempre é necessário ter frequentado uma escola e, muitas vezes, pode-se trabalhar sem ter papéis regulamentares. Além disso, o circuito inferior vem “ampliando a gama de instrumentos com os quais trabalha e o leque de serviços e produtos oferecidos” (MONTENEGRO, 2011, p. 35).

⁴ O equivalente a R\$2.545,20 (dois mil quatrocentos e quarenta e cinco reais e vinte centavos).

Sublinhamos que a existência desse circuito é uma consequência do estágio contemporâneo do modo de produção capitalista, que tem como fundamento a desigualdade social, econômica e territorial e o desemprego estrutural da maioria dos trabalhadores (SANTOS, 2008). Portanto, à medida que ocorre o progresso econômico, há a expansão do desemprego e da pobreza, isto é, do circuito inferior da economia urbana, que marca, cada vez mais, o território das cidades dos países subdesenvolvidos (SALVADOR, 2012a).

De forma sucinta, o que difere os circuitos superior e inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos são: tecnologia, capital e organização. Então, a partir da divisão social entre aqueles que têm acesso permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que têm as mesmas necessidades, mas não têm condições de satisfazê-las, manifestam-se os dois circuitos na economia urbana: o circuito superior, moderno, monopolístico; e o circuito inferior, não moderno, pobre (QUEIROZ, 2012).

Buscando apontar características e diferenças entre os dois circuitos, Santos (1978) propôs, originalmente, um quadro. A esse quadro acrescentamos um panorama geral contemporâneo, indicando como e o que é encontrado, atualmente, nos dois circuitos da economia urbana. Dessa forma, apresentamos esses dados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Características e diferenças entre os circuitos superior e inferior

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Uso intensivo	Uso menos intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva, não estruturada
Capital	Abundante	Escasso
Mão de obra	Limitada	Abundante
Estoque	Grande quantidade	Pequena quantidade
Preços	Fixos	Negociáveis
Margem de lucro	Pequena por unidade, mas importante, dado o volume dos negócios	Grande por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relação com os fregueses	Impessoal	Pessoal/amigável
Propaganda	Investimento alto em propagandas	Utiliza de redes sociais para aumentar seus lucros. Pouco investimento
Ajuda governamental	Importante	Nenhuma ou quase nenhuma

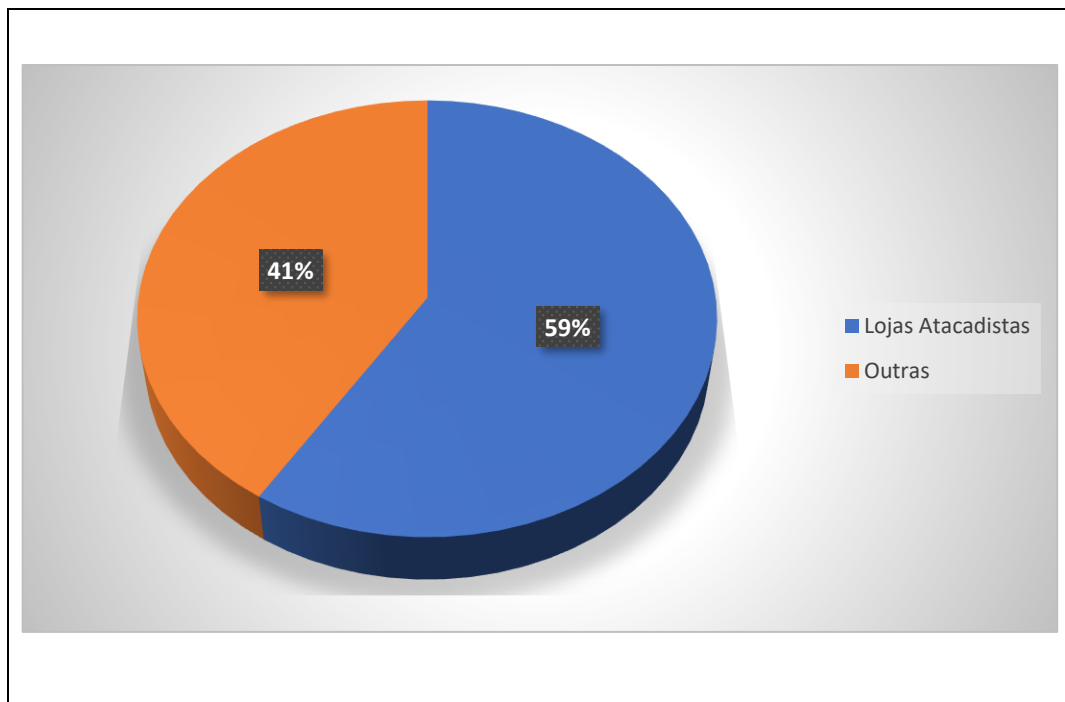
Fonte: Elaborado pela autora, com base em Santos (1978, p. 34).

Milton Santos (1979) afirma, em sua teoria, que ingressos do circuito inferior da economia urbana dependem, de alguma forma, ou se complementam com o circuito superior da economia urbana. O autor dá o exemplo dos comércios atacadistas. Para Santos (1979, p. 237), “o atacadista serve de traço de união entre o circuito moderno e o circuito inferior”. O autor complementa, nesse sentido, que

Os atacadistas e transportadores têm atividades do tipo misto, pelo fato de sua dupla ligação. Ambos têm laços funcionais tanto com o circuito superior como com o circuito inferior da economia urbana e regional. O atacadista está no topo de uma cadeia decrescente de intermediários, que chega frequentemente ao nível do feirante ou do simples vendedor ambulante. Através desses intermediários e pelo crédito, o atacadista leva um grande número de produtos aos níveis inferiores da atividade comercial e fabril e, assim, a uma gama extensa de consumidores. [...] O atacadista é também o cume do circuito inferior (SANTOS, 2008, p. 41).

Diferente dos atacadistas, os comerciantes do circuito inferior possuem pequenos estoques e sua clientela compra no dia-a-dia, em pequenas quantidades. Todavia, um depende diretamente do outro. Foram informados dois polos importantes e considerados os mais próximos do município de Ituiutaba, como se pode observar na seguinte fala: “As minhas peças eu compro em São Paulo, em Goiânia é mais atacadista mesmo”. Como nota-se no Gráfico 1 cerca de 59% das sacoleiras adquirem suas peças em lojas atacadistas. As demais informam receber peças de fornecedores, terem vendedor individual e comprarem pela internet.

Gráfico 1: Aquisição da mercadoria



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Além de dependerem de mercados atacadistas, as sacoleiras incorporam tecnologias, como uso do cartão de crédito, possuem smartphones e computadores para realizar publicidade através das redes sociais, para divulgação dos produtos, havendo, assim, certo grau de modernidade. Nesse sentido, constatamos que

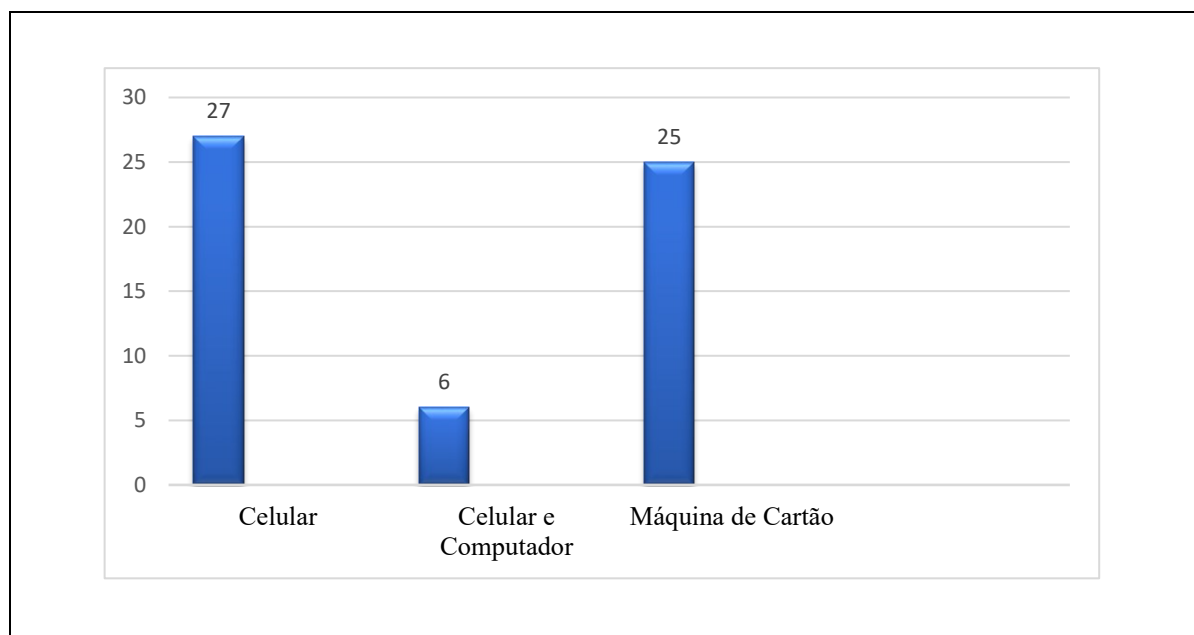
do mesmo modo, mas não com a mesma densidade [do circuito superior], [o circuito inferior] também é perpassado por instrumentos e/ou equipamentos modernos, os quais caracterizam variados serviços e/ou produções, como: computador conectado à internet, máquina para recarga de celular e venda no cartão de crédito, máquina copidora, [...] projetor de multimídia conectado à antena captadora do sinal de canais de televisão fechados. Esses instrumentos mostram que [esse circuito] é dinâmico, acompanhando os avanços tecnológicos, logicamente de acordo com as condições financeiras dos responsáveis por suas atividades (SALVADOR, 2012b, p. 180).

Ainda segundo Salvador (2012a),

A (re)utilização de técnicas modernas faz com que no momento atual [...] algumas atividades do circuito inferior sejam desencadeadas com a importante presença de computadores com acesso à internet, o que permite a prestação de determinados serviços e a realização de publicidade da atividade desempenhada na rede mundial de computadores; de carros e/ou motos que servem para realizar o transporte e a entrega de mercadorias bem como para fazer publicidade da atividade na cidade em que ela é desenvolvida, ou mesmo em cidades próximas; e de máquinas interligadas ao sistema financeiro nacional, as quais possibilitam aos clientes o pagamento, parcelado ou não, de suas compras com cartão de crédito (SALVADOR 2012a, p. 54).

Nesse sentido, o Gráfico 2 apresenta a quantidade de trabalhadoras que fazem uso de eletrônicos modernos. Das 27 entrevistadas, todas relataram fazer uso do celular para aumentar suas vendas através de postagem em redes sociais e aplicativos de mensagens. Montenegro (2006) afirma que esses novos elementos reveladores da dinâmica do circuito inferior dizem respeito aos gastos com a publicidade – que passam a permear progressivamente esse circuito – realizada por meio da Internet e de redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram), de cartões de visita, faixas, banners, entre outros. Dessas 27 entrevistadas, seis possuem computador e fazem uso para a mesma finalidade.

Gráfico 2: Uso de Tecnologias



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Além disso oferecem aos clientes formas de pagamento como cartões de crédito, débito e Pix. Entretanto, mesmo possuindo máquinas de cartão de crédito (25 delas), todas alegam fazer parte de suas vendas em notas promissórias, o famoso “fiado”. Desse modo, coadunamos com Salvador (2012b, p. 180) quando o autor afirma que “não devemos acreditar que [o] circuito [inferior] seja sinônimo de arcaísmo, nem mesmo que seja tradicional ou inerte; a realidade nos mostra o inverso”.

Diante dessas informações considera-se que a atividade de sacoleira no município de Ituiutaba – MG entraria na categoria de circuito superior marginal. Para Silveira (2007), o circuito superior marginal é constituído de formas mistas, pertencentes tanto a atividades herdadas de divisões do trabalho pretéritas como a formas de trabalho emergentes inseridas nas atividades modernas. Assim, isso reforça a teoria das dependências dos dois circuitos, pois essas trabalhadoras dependem de agências de turismo para conduzi-las aos grandes polos atacadistas, além de utilizarem de máquinas de cartão, celulares e computadores.

3. A MULHER E O TRABALHO

3.1 A luta feminina pelos direitos trabalhistas

Para citar a trajetória da mulher no mercado de trabalho, podemos considerar as ideologias culturais e históricas. A sociedade foi formada no modelo patriarcal no qual as atividades eram divididas e diferentes entre os sexos feminino e masculino. Hominídeos eram caçadores, pescadores e coletores, enquanto as mulheres eram vistas apenas sob o aspecto doméstico, responsáveis pelos cuidados da casa, pela preparação de alimentos e pela reprodução. Considerando outra parte da história, tal desigualdade não ficava apenas no âmbito familiar. Nas escolas, os espaços eram exclusivamente masculinos e havia barreiras para que mulheres não fossem escolarizadas.

Esses ensinamentos culturais mantiveram a exclusão das mulheres em setores da vida política, social e religiosa. Mesmo sendo inferiorizadas e subordinadas, elas despertaram o interesse em outras atividades que não fossem as domésticas. Na Idade média, passaram a executar trabalhos artesanais, como os de fiandeira e os de tecedeira de seda. Na Revolução industrial, com a produção em larga escala, necessitou-se de mão de obra feminina, tornando-se comum a presença das mulheres no ambiente fabril. A partir desse período, começaram suas jornadas duplas de trabalho, pois as mulheres continuavam na obrigação de seus afazeres domésticos.

Sem voz para garantirem seus direitos, eram submetidas a jornadas longas de trabalho em ambientes insalubres e precarizados, os primeiros resquícios do que poderiam ser chamados de “direitos da mulher” surgiram apenas em meados do século XIX, como o *Coal Mining Act*, em 1842, e o *Factory Act*, em 1844, responsáveis pela proibição do trabalho em minas subterrâneas e pela redução da jornada de trabalho nas fábricas. Mas, diferente do que foi planejado, excluíram-nas do processo produtivo, necessitando-se novamente dessas trabalhadoras na primeira e na Segunda Guerra mundial, uma vez que houve um déficit de trabalhadores homens, pois estes estavam em batalha. Deste modo, houve a necessidade da mão de obra feminina, para substituí-los.

Com o fim da Segunda Guerra, o ambiente fabril se tornou mais heterogêneo, possuindo uma mescla de operários e operárias. Desde então, essas mulheres perderam suas perspectivas frente ao mercado de trabalho, pois perceberam a discriminação. Os empregadores deram acesso ao trabalho, mas propiciavam a desigualdade no tratamento homem/mulher.

Destacam-se três mecanismos por meio dos quais a desigualdade de gênero se reproduz no mercado de trabalho. Em primeiro lugar, existe a discriminação salarial pura, já que os homens tendem a receber remuneração superior à que as mulheres recebem, em ocupações idênticas (GIUBERTI; MENEZES-FILHO, 2005; ROTH, 2007). Em segundo lugar, ocorre a chamada segregação ocupacional, pelo fato de as mulheres, em geral, ocuparem postos de trabalho menos qualificados e mais mal remunerados do que os dos homens (SOUZA; GUIMARÃES, 2000; LAVINAS, 2001; CAMBOTA; PONTES, 2007).

A Tabela 1, a seguir mostra essa realidade em números. Ao comparar a média salarial das mulheres brasileiras, a diferença salarial mensal chega a quase R\$400,00 (quatrocentos reais). Ao comparar a média salarial do município pesquisado, esse número pode ficar ainda maior: homens ganham quase R\$550,00 (quinhentos e cinquenta reais) por mês a mais que as mulheres.

Tabela 1: Rendimento médio de trabalhadores acima de 16 anos ou mais de idade

Categorias	Brasil	Ituiutaba
Homens, 2010	Não disponível	Não disponível
Homens, média, 2010	1.522,37	1.534,36
Mulheres, 2010	Não disponível	Não disponível
Mulheres, média 2010	1.122,65	991,73

Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2010).

Org: SOUZA, A.M. (2021).

Além disso, observa-se a dificuldade de ascensão profissional das mulheres, fenômeno para o qual foi cunhada a expressão “teto de vidro” (*glass ceiling*), entendida como uma sutil, mas forte barreira, que bloquearia a promoção de mulheres e minorias aos níveis superiores da hierarquia nas organizações (MORRISON; GLINOW, 1990; STEIL, 1997).

Para Nogueira (2004),

O mundo do trabalho acentuou profundamente a divisão sexual do trabalho, reservando para as mulheres espaços específicos que, na maioria das vezes, se caracterizavam pela inferioridade hierárquica, pelos salários menores e por atividades adaptadas a suas capacidades inatas (NOGUEIRA 2004, p. 18).

A presença das mulheres é pouco valorizada nas relações de trabalho porque a preferência das mesmas nos postos de trabalho era por fornecerem baixos salários a elas. Mesmo com todo esse preconceito e indiferença sofridos, elas não as deixaram se abater.

Diferentemente do que se pensa, as mesmas contribuíram para a evolução da sociedade, pois a partir disso é que nasceram os primeiros movimentos defensores da igualdade de gênero, permitindo que mulheres reconquistem sua posição no mercado. Conforme Moreira (2007), o movimento feminista teve grande participação nas conquistas que as mulheres obtiveram ao longo da história.

Nogueira (2001) define o feminismo como sendo um movimento social que tem a finalidade de equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos. Desde a efervescência das lutas, a partir dos anos 1960, o feminismo passa a ser visto como um movimento social que vem trazendo contribuições consideráveis para a história das mulheres (NOGUEIRA, 2001). Com o passar do tempo, as mulheres foram se organizando e, assim, ocupando espaços. Por isso, esse movimento tem grande importância, pois elas garantiram espaços no âmbito político, social, educacional, além de reivindicarem

[...] funções iguais, salários e direitos iguais; igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho e à ascensão e aprimoramento profissional. Todas essas bandeiras são parte do processo de conscientização da mulher de seu próprio valor e da necessidade de que ela se coloque como agente da sua liberação (MOREIRA, 2007, p. 65).

Desde a década de 60, as mulheres estão cada vez mais presentes nas universidades. “Ao romper os padrões sociais que imputavam à mulher o casamento e a maternidade como alternativa primeira para a trajetória de vida, as jovens dos anos 70, passaram a colocar entre suas prioridades o estudo e a carreira profissional” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1999, p. 22). No Brasil, a mulher tem, atualmente, um tempo maior (em anos) de estudo do que o homem (BELTRÃO, 2002).

Gráfico 3: Total de pessoas por nível de instrução

Brasil	
Homens, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 2010	7.899.865,00
Homens, Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto, 2010	12.717.925,00
Homens, Ensino Superior completo, 2010	5.256.475,00
Mulheres, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto, 2010	8.304.386,00
Mulheres, Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto, 2010	14.438.888,00
Mulheres, Ensino Superior completo, 2010	7.205.541,00

Fonte: Elaborado pela autora, com base em dados do IBGE (2010).

Mesmo tendo maior instrução do que os homens, isso não é suficiente para levar as mulheres à força de trabalho em proporção maior ou similar à dos homens. Entretanto, tais obstáculos só fizeram-nas persistir pela igualdade. Trabalhar fora de casa é uma conquista recente das mulheres; mulheres essas que possuem jornadas duplas, por se dedicarem aos trabalhos domésticos. Para Araújo e Fontenele (2007), se, por um lado, a mulher foi à luta no mercado de trabalho, por outro, não perdeu suas outras tradicionais características, além da maternidade, fator que interfere diretamente nas dificuldades em se manter no trabalho ou na busca de uma nova oportunidade, pois muitos empregadores utilizam desses argumentos para justificar a não contratação de mulheres ou a demissão das mesmas. Carloto (2002) diz o seguinte:

A identidade da mulher como trabalhadora, portanto, vai estar sempre associada a seu papel de reprodutora. Essa imagem básica, originária da mulher família, mãe, dona-de-casa vai estar sempre na frente. O trabalho, por exemplo, é tratado no masculino e o trabalho produtivo é feito pelos trabalhadores. É ao homem que se associa a imagem de trabalhador, de provedor da família. Essa imagem da mulher vai trazer limitações a uma adequada colocação no mundo do trabalho (CARLOTO, 2002, n.p.).

Ser reconhecida por sua luta e por sua independência é motivo de se orgulhar, pois, segundo o Art. 5º da Constituição Federal de 1988, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...” (BRASIL, 1988, n.p.). No inciso I do mesmo dispositivo consta o seguinte: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988, n.p.). Porém, na prática, não é o que se vê; nota-se prioridade à contratação de homens à de mulheres, e destinam-se cargos de maior responsabilidade e chefia aos mesmos.

Diante dessa informação, decidi relatar informações em duas tabelas com dados apresentados pelo IBGE (2010) referentes à área de estudo. A Tabela 2 mostra a população total, com 97.171 pessoas; destas, 49.309 mil são compostas por mulheres e o restante, 47.862, por homens.

Tabela 2: População de Ituiutaba por sexo

Categorias	Ituiutaba
2010	97.171
Homens, 2010	47.862
Mulheres, 2010	49.309

Fonte: IBGE (2010).
Org: SOUZA, A.M. (2021).

Já a Tabela 3, a seguir, mostra o número de trabalhadores com carteira de trabalho assinada, com 16 anos ou mais de idade, incluindo trabalhadores domésticos, militares e funcionários públicos estatutários, bem como os empregadores e trabalhadores por conta própria que contribuem para a Previdência Social. Dos 30.412 trabalhadores formais, 18.871 mil são homens e 11.542 são mulheres.

Tabela 3: População ocupada em trabalhos formais

Categorias	Ituiutaba
2010	30.412
Homens, 2010	18.871
Mulheres, 2010	11.542

Fonte: IBGE (2010).
Org: SOUZA, A.M. (2021).

Ao comparar as Tabelas 2 e 3, vê-se que a quantidade de mulheres residentes no município é maior do que a quantidade de homens, mas essa quantia não é equivalente, pois, ao observar a Tabela 2, verifica-se que grande parte dos ocupados/empregados são homens.

Esse pensamento retrógrado, em que os afazeres domésticos devem ser destinados às mulheres, dificultam-nas a conciliarem o trabalho formal. Portanto, isso faz com que a mulher dê preferência a ocupações com maior flexibilidade de horário, o que influencia os tipos de postos por ela ocupados.

Atividades formalizadas, com horários regulares de trabalho e maior distanciamento entre a casa e o trabalho são fatores que dificultam a conciliação de responsabilidades. A atividade informal, na qual não há jornadas regulares de trabalho, o trabalho domiciliar e o rural, ao contrário, costuma facilitar o arranjo necessário entre família e trabalho, embora não haja acesso a garantias trabalhistas (BRUSCHINI, 1994, p. 186).

Ao descrever sobre a conquista feminina pelo direito do trabalho, observa-se que a mulher moderna possui plena consciência do seu potencial e passa a demonstrar grande interesse pela valorização e pela busca por seus direitos. Entretanto, essa assimetria ainda existe, sendo facilmente identificada pelo artigo elaborado por Abramo e Valenzuela (2005), que explora a participação das mulheres no mercado de trabalho da América Latina. Há mais mulheres no mercado de trabalho informal do que no mercado de trabalho formal, ainda que haja mais mulheres do que homens nessa situação. Araújo e Lombardi (2013) complementam, com sua pesquisa, afirmando que

[...] mesmo que o trabalho informal tenha se expandido muito menos que o emprego formal, mais mulheres do que homens se colocaram em postos de trabalho mais desprotegidos e vulneráveis: entre 2001 e 2009, a taxa de crescimento relativo dos ocupados no informal foi de 2,1%, enquanto a das ocupadas, de 16,3% (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013, p. 462- 463).

O trabalho feminino, formal ou informal, tem crescido continuamente em sua importância, tornando-se cada vez mais a principal fonte de renda e de sustento dos grupos domésticos que dependem dessas mulheres (LIMA, 2014). Isso indica que esse é um assunto de grande relevância em nosso país, pois é importante saber como essa pessoa vem se organizando a fim de auferir seus rendimentos (SANCHES, 2009).

3.2 Trabalho informal e seus conceitos

Alguns estudiosos declaram a importância do trabalho. Marx (1846) diz que o elemento diferencial entre o animal e o homem era que este era capaz de “produzir suas condições de existência”, de transformar o mundo, e assim, não mais se submeter aos puros acasos da natureza. O trabalho é considerado, tanto por marxistas quanto por não marxistas, não só como uma característica importante da espécie humana, mas como a essência do homem.

Segundo Irany Ferrari (2002),

O trabalho tem por finalidade fazer com que o homem, “mercê” dele, se esforce para obter os meios necessários à sua subsistência, eis que dela depende, o bem maior do ser humano que é o bem da vida. Não é por outro motivo que as constituições dos países civilizados têm dado regularmente garantia à inviolabilidade do direito à vida, em primeiro lugar [...]. A vida, como se sabe, não subsiste sem os bens necessários à existência do homem se não por meio do trabalho, que há de ser honesto e digno para que não atente contra os interesses maiores, não só de sua sobrevivência, como a de todos que fazem parte de sua comunidade. Esse é o direito do trabalho que todo cidadão deve ter, eis que em resumo, deste direito, decorre o próprio direito à vida (FERRARI, 2002, p. 62).

Como descrito acima, o trabalho é o meio principal de subsistência do homem; homem este que vivia apenas para sua autossuficiência. Hoje, no modo de produção capitalista, toda a relação criada anteriormente sofreu grandes mudanças, ou seja, o sistema influencia na organização de todos os aspectos de uma sociedade, nos âmbitos político, social e econômico. Ricardo Antunes afirma que o processo de desindustrialização foi um fator importante para a precarização do trabalho, a partir daí aparece um novo proletário fabril com diversas

modalidades de trabalho, desde contratos de trabalho temporário, trabalho terceirizado, subcontratados, Part-time, negociações flexíveis, informalidade e ausência de proteção social.

De acordo com Noronha (2003), as noções de formalidade e de informalidade foram sendo construídas a partir das décadas de 1930 e 1940, quando foi estabelecido, por Vargas, o Código de Leis do Trabalho. Atualmente, vive-se uma época de regressão dos direitos sociais e de destruição de conquistas históricas que amparam a classe trabalhadora. Portanto, Kon (1999) explicita o que entende por trabalho informal e observa, em seu estudo, que “adota a conceituação de que os trabalhos nas empresas sem vínculo empregatício formalizado através de registro em carteira e o trabalho por conta própria assumem, essencialmente, o caráter de trabalho informal” (KON, 1999, p. 61).

Silva (2008) atribui ao termo *informalidade* às atividades econômicas caracterizadas pelo descumprimento de normas e legislação relativas a impostos, contratos, regulação e benefícios sociais. São as ocupações sem proteção social, sem garantias legais, sem estabilidade e com baixos salários. Muitos autores consideram o trabalhador informal como aquele que não tem o registro do contrato de trabalho na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), ficando à margem das garantias e da proteção da legislação trabalhista.

Para Oliveira (2005), o trabalho informal, ampliado drasticamente entre meados dos anos 1980 e toda a década de 1990, foi a alternativa de sobrevivência diante da incapacidade do sistema capitalista de absorver a mão de obra ativa existente e da falta de políticas públicas capazes de inserir os trabalhadores no mercado formal. Assim, à luz do pensamento de Marx (1971), entende-se que o trabalho, embora precarizado, constitui-se como uma condição eterna e única pela qual os homens encontram as vias para sua reprodução, com vistas a suprir suas necessidades básicas.

De acordo com Cacciamali (2000), por pelo menos quatro motivos, trabalhadores exercem esse tipo de atividade: racionamento dos empregos assalariados e ausência de políticas públicas compensatórias; oportunidade de ganhos superiores aqueles de emprego assalariados de baixa e média qualificação; expansão de atividades de serviços; e estratégias de sobrevivência implementadas pelos indivíduos que apresentam dificuldades de reemprego ou de ingresso no mercado de trabalho, como forma de atender suas necessidades básicas e manter sua própria sobrevivência.

Um conceito mais atualizado de *informalidade* é delimitado a partir de unidades econômicas orientadas para o mercado, sobressaindo-se o fato de que o detentor do negócio exerce, simultaneamente, as funções de patrão e empregado, de posse de instrumentos de

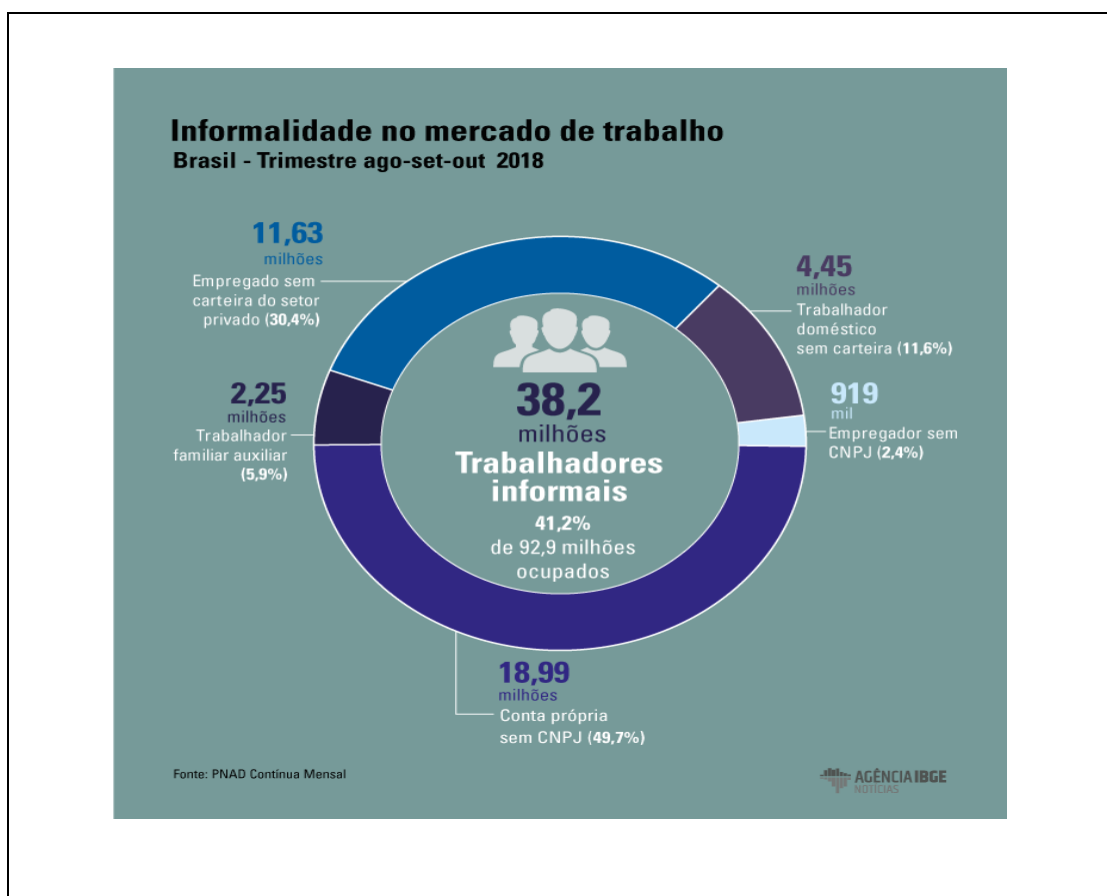
trabalho e com ajuda de trabalho familiar ou de alguns ajudantes, não existindo separação entre as atividades de gestão e de produção (CACCIAMALI, 2000).

A esse respeito, Tavares (2004), autora que discute o trabalho informal, considera que essa modalidade

Trata da situação em que o sujeito é proprietário de meios de produção e de conhecimentos necessários à realização de uma determinada atividade, que ele pode realizar sozinho, ou com ajuda da família ou com a ajuda de outros trabalhadores. Mas o fato de ser proprietário dos meios de produção, o que lhe permite oferecer ocupações a outras pessoas, fazendo dele um empregador, não faz necessariamente daqueles meios capital, nem do sujeito capitalista (TAVARES, 2004, p. 30).

Diante disso, o tema é propício, pois permite uma discussão sobre as possibilidades para contornar essa situação, pois o país registra um crescimento da informalidade. O IBGE, a partir dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2018), ressalta a quantidade de trabalhadores que estão na informalidade, e destaca que, dentre os 38,2 milhões existentes, 18,99 milhões trabalham por conta própria.

Figura 5: Informalidade no mercado de trabalho



Fonte: PNAD (2018).
Org.: SOUZA, A. M. (2021).

Na perspectiva socioeconômica neoliberal e a partir da ideia da meritocracia, basta trabalhar com determinação para alcançar o sucesso. Então, muitos optam por exercer o trabalho informal, com objetivo de ganhar mais e consideram que este se difere do trabalho formal, em que você pode passar anos exercendo a mesma função sem expectativas de crescimento. Além disso, veem vantagens por não receberem regras do empregador, por serem livres para decidir seu próprio horário e pela possibilidade de conseguirem uma remuneração maior do que com um trabalho formal. Porém, muitas vezes, as dificuldades e desvantagens se sobressaem. As formas autônomas de trabalho são desprotegidas e restringidas de direitos, os deixando em condições vulneráveis. E o Estado parece não tomar decisões cabíveis para solucionar formas de trabalho precárias.

Esse tipo de trabalho, por não ter contribuição à Previdência Social, é ausente de direitos, não proporciona benefícios como para quem trabalha de carteira assinada; direitos esses previstos na Consolidação das Leis do Trabalho, como: férias, décimo terceiro salário, hora-extra remunerada, FGTS, licença maternidade-paternidade, seguro-desemprego, vale-transporte, vale-refeição além de garantia de, no futuro, se aposentar. O salário de um trabalhador informal é diferenciado do salário de um assalariado pela sua volatilidade riscos e oportunidades de ganho, ficando suscetível, assim, às oscilações da demanda (PAMPLONA, 2001). Portanto, esse tipo de trabalho deixa o trabalhador mais vulnerável às mazelas sociais, sem garantias, direitos legais ou políticas públicas.

As sacoleiras são personagens da informalidade. Estas são, geralmente, trabalhadoras que desempenham atividades autônomas e vão desde a tradicional sacoleira, que além de fazer suas compras em sacolas, levam-nas até seus clientes, até as que fazem as compras, abrem um comércio e aguardam seus clientes em seus estabelecimentos. Atualmente, tem-se a figura do MEI, que permite formalizar suas atividades e garante grande parte dos direitos que os trabalhadores formais possuem.

3.3 Política pública para trabalhadores informais: Microempreendedor Individual – MEI

As razões da legalização do trabalho são importantes para os trabalhadores e para a economia do país, pois, caso essa atividade se legalizasse, o PIB brasileiro poderia ter um aumento de até 20% (IBGE, 2010). Para Theodoro (2000), o setor de trabalho informal vem a ser, de toda maneira, um incômodo a ser combatido, e o ponto de ação do Estado seria a formalização, para combatê-lo. Portanto, o governo criou uma nova figura jurídica, e pela Lei

Complementar n.º 128, de 19 de dezembro de 2008, a atividade de “sacoleira” passou a ser passível de regulamentação através do cadastramento como MEI, tendo sido formalmente denominada de “comerciante de artigos do vestuário e acessórios” (RECEITA FEDERAL, 2014).

No ano de 2004, na cidade de São Paulo, foi criada, então, a figura do MEI, pela Associação Comercial de São Paulo – ACSP, que apresentou ao então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, a proposta de criação do Empreendedor Urbano Pessoa Física. O MEI é o indivíduo autônomo que se formaliza como pequeno empresário. Atualmente, existem, aproximadamente, mais de 400 as atividades que podem ser enquadradas em MEIs.

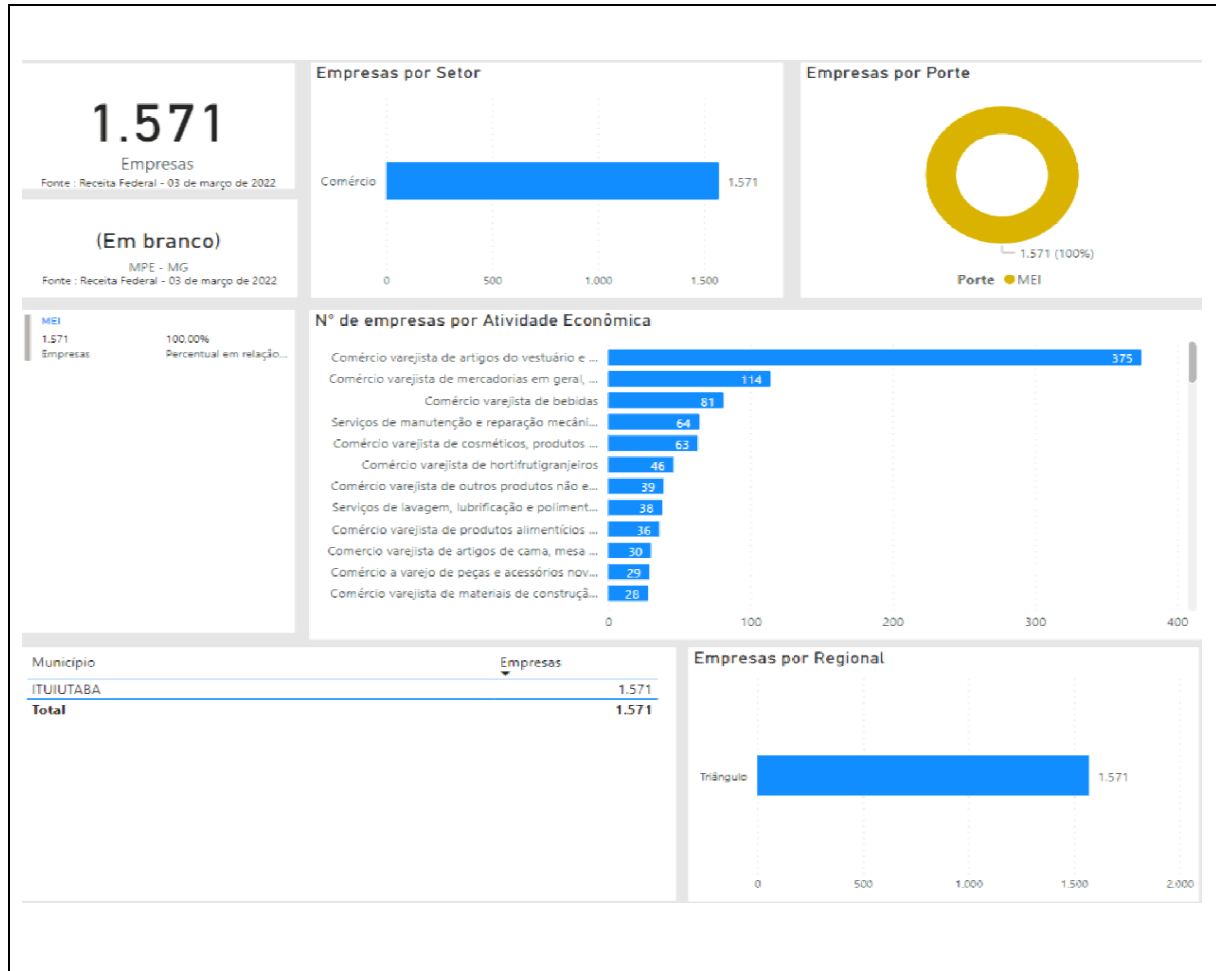
A política tem objetivo de criar empresas formais e de regularizar a situação de profissionais informais, iniciando com a redução de custos para tal, além de contribuir com a previdência a quantia de 5% do salário mínimo, passando a ter acesso sem custos burocráticos ao Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), e a estarem automaticamente enquadrados no Simples Nacional e isentos dos tributos federais, Imposto de Renda (IR), Programa de Integração Social (PIS), Contribuição para o financiamento da Seguridade Social (Cofins), Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). Além disso, são garantidos também benefícios como direito à auxílio-maternidade, ao afastamento remunerado por problemas de saúde e à Aposentadoria.

Quando acontece o cadastro como um MEI, passa-se a ter um CNPJ. Portanto, a partir disso, há facilidades em abrir uma nova conta bancária, podendo serem emitidas notas fiscais, sendo possível o acesso a empréstimos e crédito com juros mais baratos, além das obrigações e direitos de uma pessoa jurídica. Para se registrar como MEI, é necessário que a atividade esteja na lista de atividades permitidas. As sacoleiras se enquadram na atividade de *comerciantes de artigos do vestuário e acessórios*. Devem faturar até R\$81.000,00,00 (oitenta e um mil reais) por ano ou até R\$6.750,00 (seis mil, setecentos e cinquenta reais) por mês; e ter, no máximo, um empregado contratado, que receba o salário mínimo ou o piso da categoria (SEBRAE, 2020).

O responsável por auxiliar os trabalhadores informais a regularizarem seus negócios no município de Ituiutaba é o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), uma entidade privada sem fins lucrativos. O SEBRAE é um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país; atende brasileiros que possuem seu próprio negócio, que sonham em montar seu próprio negócio e trabalhadores informais que querem formalizar seus negócios, além de oferecer

consultorias para desenvolvimento dos negócios e orientação para o acesso aos serviços financeiros (SEBRAE, 2020).

Figura 6: Quantidade de MEIs no município de Ituiutaba



Fonte: SEBRAE (2022).
Org.: SOUZA, A. M. (2022).

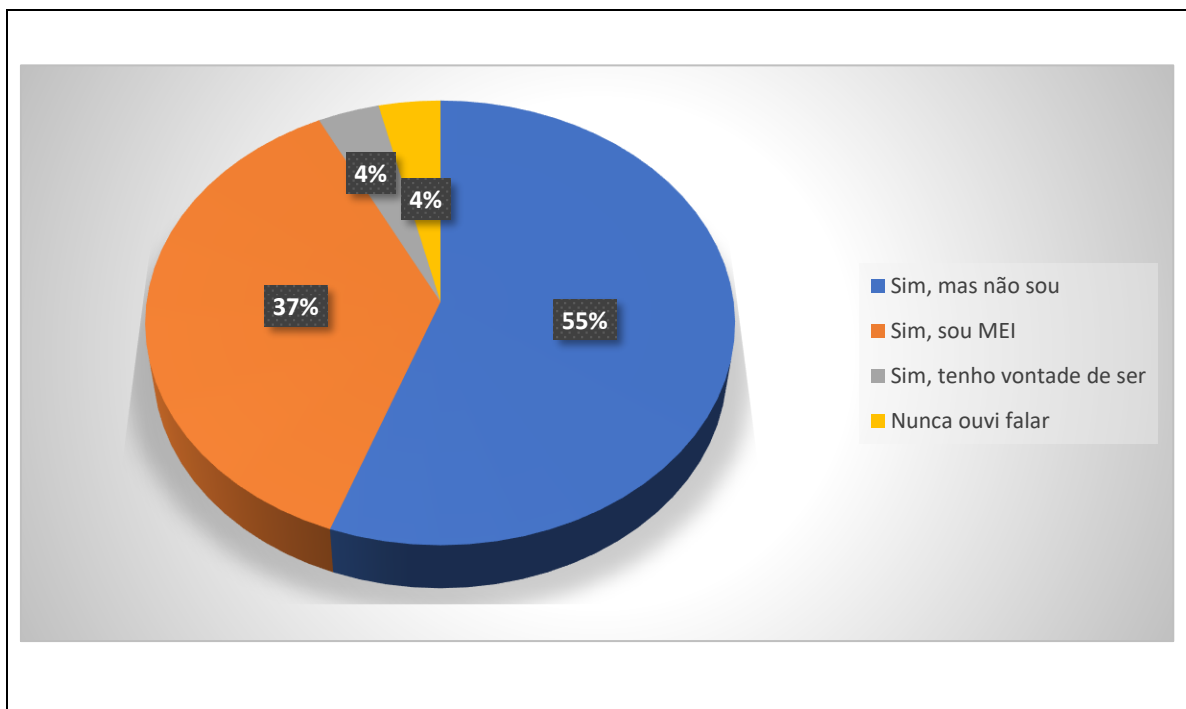
O site inteligência SEBRAE disponibiliza várias informações a esse respeito. Dentre elas, encontra-se a quantidade de Microempreendedores existentes em Ituiutaba. Conforme apresentado na Figura 6, consta, em 2022, um total de 1.571 empresas no município (SEBRAE, 2022).

Segundo dados Sebrae e da Pesquisa Global Entrepreneurship Monitor 2020 (GEM), o Brasil é o sétimo país com o maior número de mulheres empreendedoras no mundo. Dos 52 milhões de empreendedores, 30 milhões são mulheres. Já entre os MEIs, as mulheres representam 48% do total. A preferência delas é pelos segmentos de beleza, moda e alimentação. Portanto, pode-se afirmar que grande parte destes 375 MEIs que fazem parte do

Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios, no qual se enquadra a categoria de “sacoleira”, são mulheres.

Como relatado neste texto, se tornar microempreendedor é benéfico para o trabalhador informal/autônomo. Entretanto, ao perguntar às sacoleiras se elas já ouviram falar sobre a política pública do MEI, pouco mais da metade relatou conhecer a política pública, mas não são microempreendedoras, 37% são microempreendedoras, uma das entrevistadas relatou a vontade de se tornar, enquanto outra disse nunca ter ouvido falar sobre o assunto.

Gráfico 4: Já ouviu falar sobre o MEI?



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Org.: SOUZA, A. M. (2022).

A quantidade de trabalhadoras que não conhecem a política pública ultrapassa a metade das entrevistadas. Isso é preocupante, pois, com tantos benefícios ofertados, a maioria deveria ser. Isso me fez perguntar a uma colaboradora da instituição do SEBRAE sobre como esses trabalhadores chegam até eles. Cheguei a pensar que as informações a respeito fossem de difícil acesso, mas, pelo contrário, ela afirma que a instituição investe bastante no marketing em suas redes sociais e complementa que tais trabalhadores imaginam que para se tornar um MEI é um processo burocrático.

4. O TRABALHO DAS SACOLEIRAS NO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA

Como em todo o mundo, no município de Ituiutaba também há presença do trabalho informal. Sendo assim, para adquirirem renda, mulheres se tornam sacoleiras. Mas o que são sacoleiras? No meio acadêmico, não se encontra definição para o termo; entretanto, através do conhecimento empírico, defino o termo como mulheres que buscam mercadorias/produtos em grandes sacolas para revender e obter lucro.

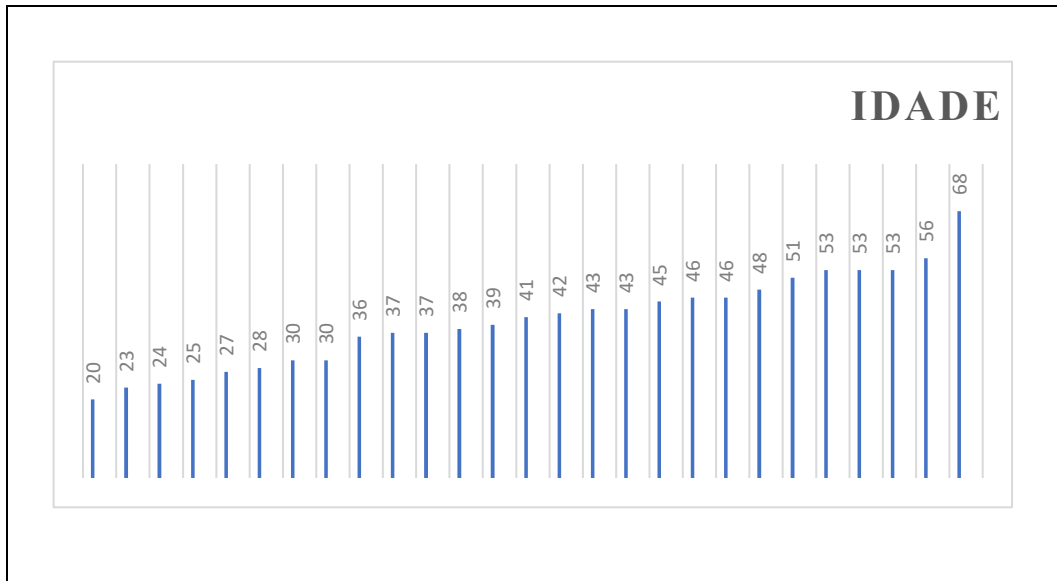
Mas qual o motivo para optarem por esse trabalho? O comércio mais amplo e que está sempre em movimento é o da moda. No século anterior, as peças eram feitas para durarem décadas; hoje, a mesma é feita, muita das vezes, com uma qualidade inferior ou simplesmente é descartada a cada tendência. Novidades surgem a cada momento, com o objetivo de tornar o consumidor dependente.

O principal meio para sustentar o capitalismo é a influência do consumismo, e no mundo da moda não é diferente. Essa dependência do consumidor para acompanhar cada tendência, somada a outros fatores, como o desemprego, faz com que muitas mulheres entrem no trabalho informal como “sacoleiras”, atividade cuja importância e tem crescido continuamente, tornando-se, cada vez mais, a principal fonte de renda e de sustento dos grupos domésticos que dependem dessas mulheres (LIMA, 2014).

E como funciona o trabalho informal de sacoleira? Para começar, elas planejam viagens para feiras populares ou shoppings atacadistas, com propósito de adquirir produtos para estocar, vender e obter lucro; a partir disso, chegam a faturar 100% em cada mercadoria. Na atualidade, se denominam como revendedoras de moda e viajam quilômetros de ônibus (atravessam estados) em busca de preços baixos e de qualidade, a fim de atenderem sua clientela.

As “sacoleiras” do município de Ituiutaba fazem parte dos consumidores dos polos Goiânia-GO, conhecido popularmente como 44, e o famoso Brás, no município de São Paulo. Um dos motivos por escolherem o polo de confecções nesses estados se dá pelo fato da proximidade ao município de Ituiutaba, comparado aos outros polos importantes do país, e por serem cidades com maior poder atrativo de produtos atacados e varejos. Considera-se que esses polos são importantes por neles haver diversas linhas de produção, fazendo com que as peças sejam variadas, com intenção de atender todo tipo de público e consumidor, desde roupa infantil, esporte, moda adulta de cada estação até a moda praia. Há pessoas de todos os estados pelos corredores dos shoppings atacadistas varejistas e feiras. Ressalta-se o interesse pela qualidade dos produtos e o custo benefício das mercadorias.

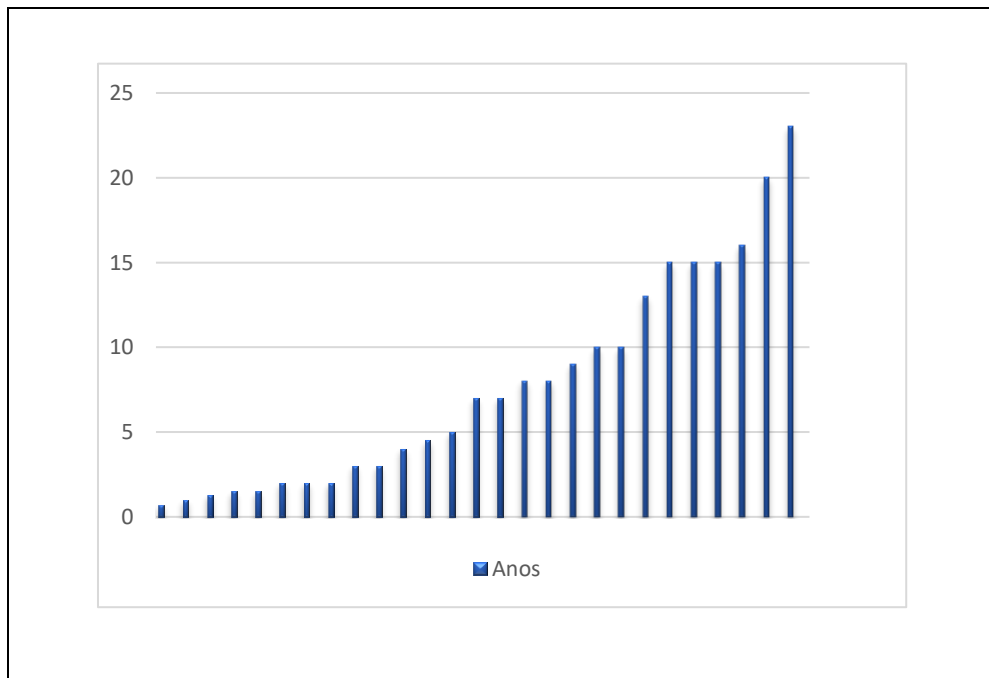
Gráfico 5: Idades das sacoleiras



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao observar o Gráfico 6, vê-se que a idade das “sacoleiras” do município de Ituiutaba que participaram desta pesquisa varia de 20 a 68 anos, mas prevalecem, nesta atividade, mulheres adultas/maduras.

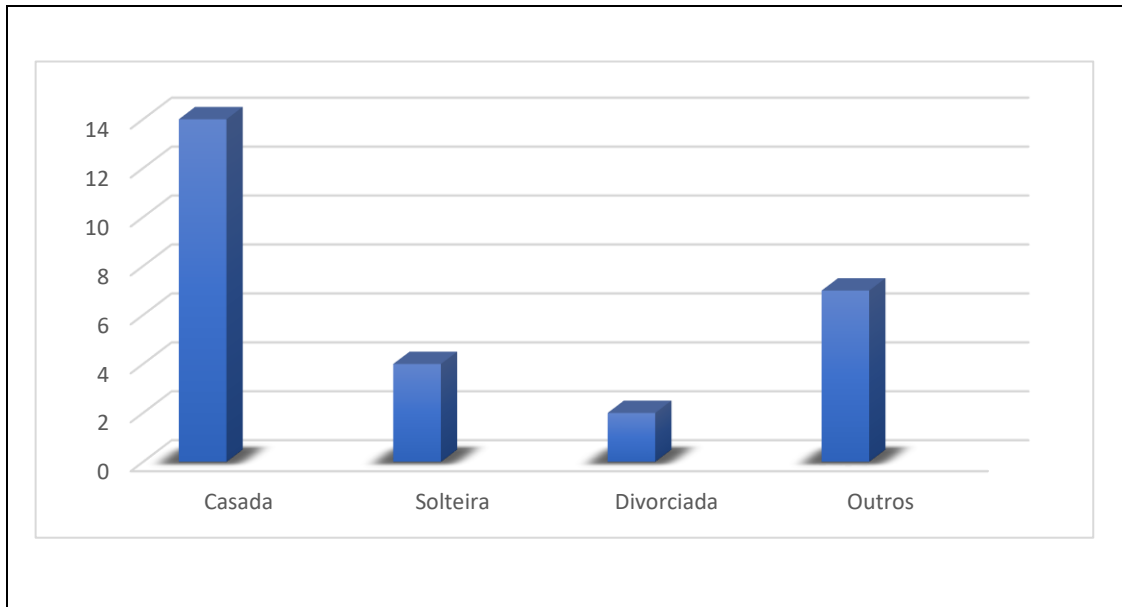
Gráfico 6: Tempo que exerce o trabalho de sacoleira



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O Gráfico 6, por sua vez, apresenta há quanto estas trabalhadoras exercem a atividade de “sacoleira”. Podemos observar que mais de 50% das entrevistadas realizam esse tipo de atividade há mais de cinco anos.

Gráfico 7: Estado civil das sacoleiras



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

De acordo com o que apresenta o Gráfico 7, o estado civil das trabalhadoras varia entre casada (14 entrevistadas), solteira (4), divorciada (2) a opção “outros” é dividida entre as trabalhadoras que possuem parceiros e moram com os mesmos (4) e possuem união estável (3).

Ao questioná-las sobre o motivo pelo qual decidiram se tornar sacoleiras, foram obtidas respostas como:

Josefa 30; Bom... Foi pela falta de emprego, por não ter opção no mercado, eu decidi eu fazer minha renda, correr atrás do meu próprio salário.

Irani 20; Decidi ser sacoleira devido à dificuldade que eu estava tendo com os horários, por conta da faculdade não estava conseguindo conciliar o emprego formal com o horário da faculdade, devido a demanda alta de trabalhos eu preferi sair do meu emprego e me tornar sacoleira para ter uma flexibilidade maior de horário.

Eurípia 45; Eu me tornei sacoleira porque a minha mãe nesses dois anos, ela sofreu AVC, infartou, então eu trabalhava de doméstica de carteira assinada e tudo, mas tive que sair pra cuidar da minha mãe.

Maria Celina 53; Por não ter um bom estudo né? Ficou mais difícil para arrumar um serviço melhor, aí decidi ser sacoleira.

Marlene 27; Decidi ser sacoleira por causa da pandemia, eu sai do serviço onde eu trabalhava, que era uma loja, aí pra ficar mais com meu menino que é pequeno aí eu decidi a ser.

Odete 43; Eu decidi ser sacoleira porque cansei de trabalhar para os outros, ganhar pouco, não ser valorizada, aí trabalhei no serviço, peguei meu acerto e resolvi investir e tá dando certo, estou gostando.

Para Santos (1979), às vezes o proprietário é sozinho e assume, ao mesmo tempo, a direção, o capital e o trabalho. Essa citação é afirmada após o relato de uma das sacoleiras entrevistadas, ao ser indagada sobre a desvantagem deste trabalho.

Leonia 37; A pior desvantagem em ser sacoleira é que você ganha pela produção, se você trabalha você ganha, se você não trabalha você não ganha, então é você tem que correr atrás de cliente, você tem que fazer seu próprio caixa, o financeiro, você tem mil funções em uma função só, você é administradora, você é financeiro, você é entregadora, você faz compras, então são muitas funções em uma só, então isso desgasta muito.

Outras desvantagens que pudemos relatar através das entrevistas foram pontuadas nas seguintes falas:

Luzia 51; Não sei se é uma desvantagem, mas talvez as dificuldades que aparecem pra essa mercadoria chegar até o cliente viajamos horas e horas de madrugada em veículos que não são confortáveis; correndo risco de assalto e acidente na estrada, lá também é perigoso, inclusive já fiquei sem celular e sem um tostão pra voltar, a viagem é cansativa, pois precisa andar muito pra encontrar mercadoria com bom custo benefício, o clima às vezes não ajuda, tem dia que o sol está muito quente, às vezes chove e a gente está na feira e molha tudo, a mala cheia de roupas pesa.

Eurípia 45; As desvantagens em ser sacoleira é que a gente toma muito prejuízo, muito calote, tem pessoas que compra depois não paga, na hora de comprar nossa, paga a primeira vez a segunda vez, depois começa dar os calotes na gente, é o tal da promissória né? Ai você cobra a pessoa, a pessoa até te bloqueia, já não é mais nem amiga mais, não gosta que seja cobrada não, então tem essa desvantagem, a gente toma muito prejuízo, nessa parte de vender na promissória.

É importante afirmar que a desvantagem relatada a respeito de ter prejuízo foi repetida por mais de uma entrevistada. Isso acontece pelo fato de venderem na nota promissória. Observa-se que, nesse meio, parte das vendas são feitas para conhecidos, amigos, familiares; por isso, há existência de confiança entre as partes.

Outras desvantagens informadas foram apontadas nas seguintes falas: “Não ter uma renda fixa garantida”; “Não temos férias”; “A única desvantagem que eu acho é que não tenho meu décimo terceiro”; e “A desvantagem em ser sacoleira, em questão de carteira assinada e contribuição”.

Já em relação às vantagens relatadas pelas sacoleiras entrevistadas, em sua grande maioria foi mencionada a questão da flexibilidade de horários, conforme pontuado nas falas transcritas a seguir. De acordo com Feghali (2001, p. 109-110), “essa profissional conta com a vantagem da flexibilidade de seu horário de trabalho, que pode ser ajustado de acordo com a disponibilidade da clientela”.

Josefa 30; Eu mesmo faço os meus horários, eu vejo a melhor forma o melhor horário de fazer entrega ao cliente e no mês seguinte eu não me preocupo em pagar um aluguel.

Leonia 37; Acho que uma das maiores vantagens de ser sacoleira é o horário, você faz seu horário, você trabalha um horário mais estendido, você pode atender suas clientes após o horário comercial e isso é uma grande vantagem, porque muitas trabalham o dia inteiro e não estão dispostas a usar seu horário de almoço pra poder fazer compras no centro ou algo do tipo, então sendo sacoleira você arruma o condicional delas, das clientes, leva em casa deixa lá, elas chegam do serviço, olham e te ligam então isso é uma das maiores vantagens.

Ana 53; A vantagem é que eu tiro um salário bom né? Meu salário dá pra ficar um salário bom, e eu vou no dia que eu posso no dia que eu quero, no dia que eu não quero, não posso eu não vou, essa é a vantagem.

Salete 53; As vantagens de ser sacoleira e porque você trabalha para si mesma, pode controlar os horários principalmente quando temos filhos pequenos.

Ao perguntar se elas trocariam o trabalho de sacoleira para ter um emprego formal, foram obtidas as repostas relatadas a seguir:

Leonia 37; Hoje eu falo abertamente, eu não trocaria o meu serviço de sacoleira por um serviço formal, porque? Porque já tenho minha clientela fixa, eu já tenho um ganho por mês, então, eu gosto de vender, eu amo vender, então se tirar isso de mim está tirando a minha essência.

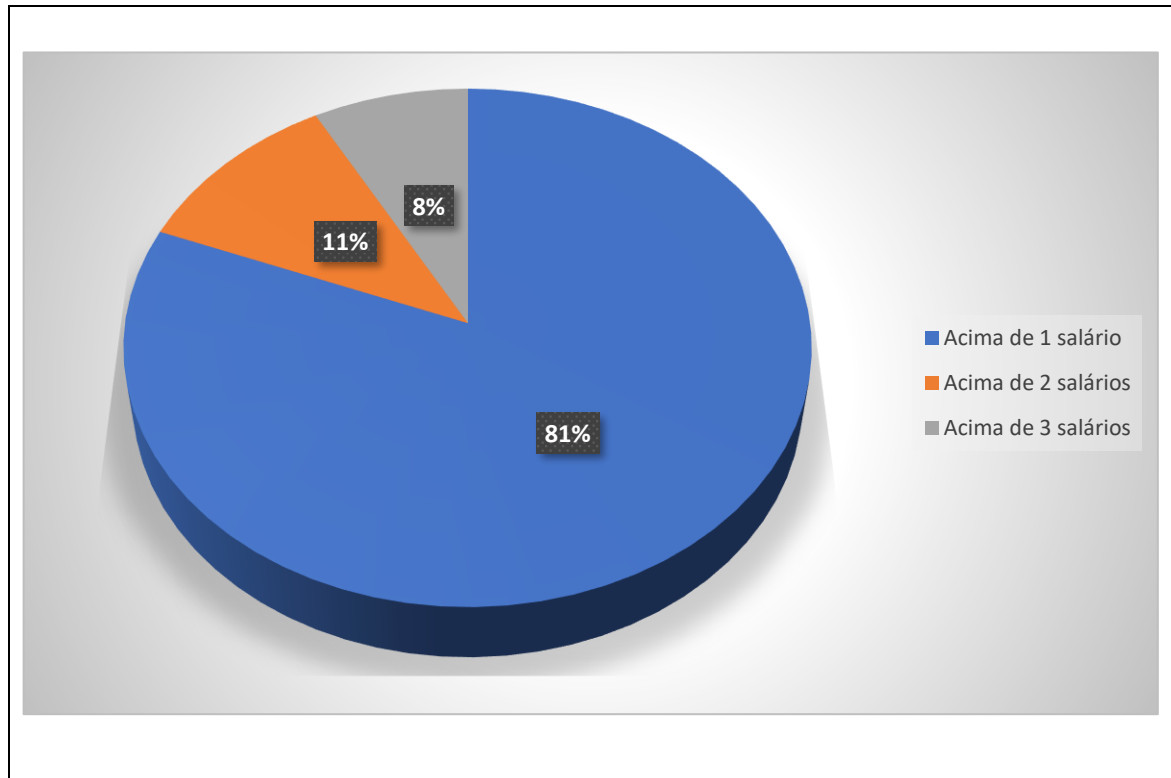
Josefa 30; Eu não trocaria por conta dos meus horários, certo? Que eu alto me gerencio.

Alcídia 23; Depende, se for um que ganho mais é trabalhe menos, sim.

Euripia 45; Hoje em dia eu não trocaria ser sacoleira por trabalhar, eu ficaria com o emprego de ser sacoleira, não mudaria não, porque igual eu falei a gente que faz o horário, já tenho minhas clientes. É uma coisa que eu não mudaria não.

Terezinha 42; Tem hora que a gente pensa sim em trocar, hora que você começa a passar raiva, principalmente em termo da gente receber, se pensa, vou arrumar um serviço vou largar de mão, mas logo a vontade passa.

Anadir 37; Sim, trocaria o meu trabalho de sacoleira por um emprego formal sim, porque pode me dar uma renda fixa e ter minha aposentadoria no futuro.

Gráfico 8: Renda mensal das sacoleiras

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O Gráfico 8 deixa claro a média salarial destas trabalhadoras informais. Como se vê, 81% delas recebem entre um salário mínimo ou acima disso, 11% delas recebem acima de dois salários e apenas 8% acima de três salários.

Em outros tempos, as sacoleiras realizavam suas vendas e tinham relação direta com o cliente, carregavam seus produtos até eles e apresentavam-nos. Hoje, utilizam de plataformas digitais e aplicativos como Facebook, Instagram e WhatsApp para realizar a comunicação e comercialização. Através de fotos, despertam a atenção de clientes, transformando visitas em vendas e seguidores em clientes.

Nesse sentido, o marketing on-line tem sido um grande aliado a essas “sacoleiras”, pois os recursos disponibilizados para divulgações dos produtos oferecem um baixo custo e atinge-se uma grande quantidade de consumidores em um curto tempo. Podemos confirmar isso ao perguntá-las quais artificios utilizam para aumentar suas vendas, e os relatos foram os seguintes:

Josefa 30; Eu procuro a rede social geralmente para divulgar, o Instagram para fazer algumas postagens sobre algumas peças, isso ajuda bastante.

Irani 20; Eu faço promoções para aumentar as vendas, procuro dar mimo às clientes, ter um bom atendimento para chamar a atenção delas.

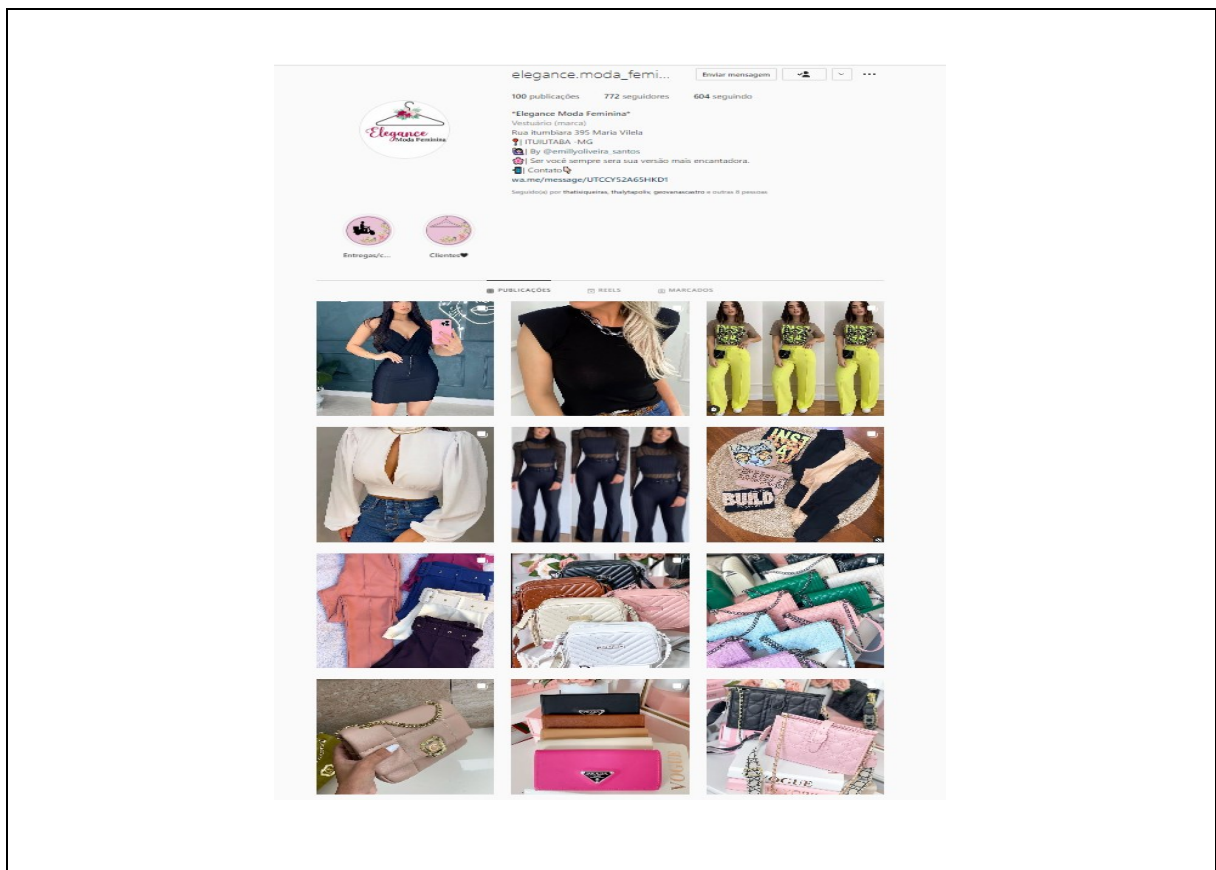
Luzia 51; Pra aumentar minhas vendas eu posto foto nos stores, uso a internet, minhas redes sociais.

Maria Francisca 24; Postagens no Facebook, Instagram e divulgação com modelos.

Luzanira 41; Divulgação em redes sociais, nos status, boca a boca, comentando que está vendendo os produtos, isso que eu faço pra poder aumentar as vendas.

Doliria 46; Eu posto todos os dias nas redes sociais, às vezes promovo algum produto para promoção, pode ser 1 x por mês faço propaganda boca a boca tipo, tenho várias clientes uma vai falando pra outra e eu trabalho também com indicação, vou na casa de uma cliente e ela me indica por exemplo 3 clientes aí eu visito as 3, aí nas 3 que eu for por exemplo elas me indicam 4 clientes e assim sucessivamente.

Figura 7: Redes Sociais/ Instagram sacoleira



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Grande parte das sacoleiras expõem suas mercadorias em pequenos espaços alugados ou em suas próprias residências. Santos (2008) explica que o trabalho em casa facilita também as relações com a vizinhança: os clientes estão certos de poderem ser atendidos, não importa a que hora, mesmo aos domingos e feriados. Entretanto, não deixa de haver contras, pois, para Santos (2008), em casa, o trabalho pode se prolongar por longos horários; pode-se exprimir

também a necessidade de aumentar a renda, principalmente quando os lucros não são elevados. O autor argumenta ainda que

Como todos os pequenos lojistas das cidades do Terceiro Mundo, caracterizam-se pelas pequenas dimensões do seu negócio. Ocorre o mesmo com todas as outras atividades do circuito inferior, pequenas indústrias, artesanato ou serviços. Seu capital é reduzido, assim como seu volume de negócios; os estoques são pequenos e o número de pessoas ocupadas em casa estabelecimento também é pequeno. As pequenas atividades têm necessidade de pouco espaço e podem até ser alojadas nas casas dos agentes (SANTOS, 2008, p. 212).

O mesmo autor complementa:

É comum que o local de trabalho [...] e o ponto de vendas dos comerciantes sejam em sua habitação, mesmo que alguns disponham de uma venda no mercado ou na cidade. Isso representa uma economia de tempo e de dinheiro e quase sempre constitui a única possibilidade de ter uma atividade econômica (SANTOS, 2008, p. 217).

Através das respostas das sacoleiras à pergunta *Onde suas peças são armazenadas?*, transcritas a seguir, pode-se confirmar a teoria de Milton Santos (2008) de que pequenos lojistas expõem suas mercadorias em pequenos espaços alugados ou em sua residência.

Josefa 30; Eu armazeno na sala mesmo onde eu tenho uma arara, e eu organizo ela na minha sala.

Leonia 37; Minhas peças eu armazeno na minha própria casa, eu tenho um cômodo na minha casa que eu fiz no meu cantinho a minha lojinha, então muitas clientes vêm aqui também.

Terezinha 42; Por enquanto minhas peças ficam armazenada em casa mesmo, eu trabalho em casa, como se diz eu ponho em um canto ponho em outro e assim a gente vai vivendo.

Anice 68; Eu colocava tudo em um quarto, tirava tudo pra fora durante o dia colocava em cima da cama pra vender, hoje não, hoje eu tenho um quarto na casa separado com a porta pra varanda, é minha lojinha, onde que eu tenho araras, manequins e tudo, onde armazeno minha mercadoria lá.

Creusa 36; Armazeno minhas peças em malas, que são onde não entra sujeira, não tem contato com outras coisas e ficam bem guardadinhas dentro dos saquinhos, tudo arrumadinho e organizado, onde não consigo fazer bagunça e tenho facilidade de encontrar as peças.

Figura 8: Armazenamento na garagem da sacoleira



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

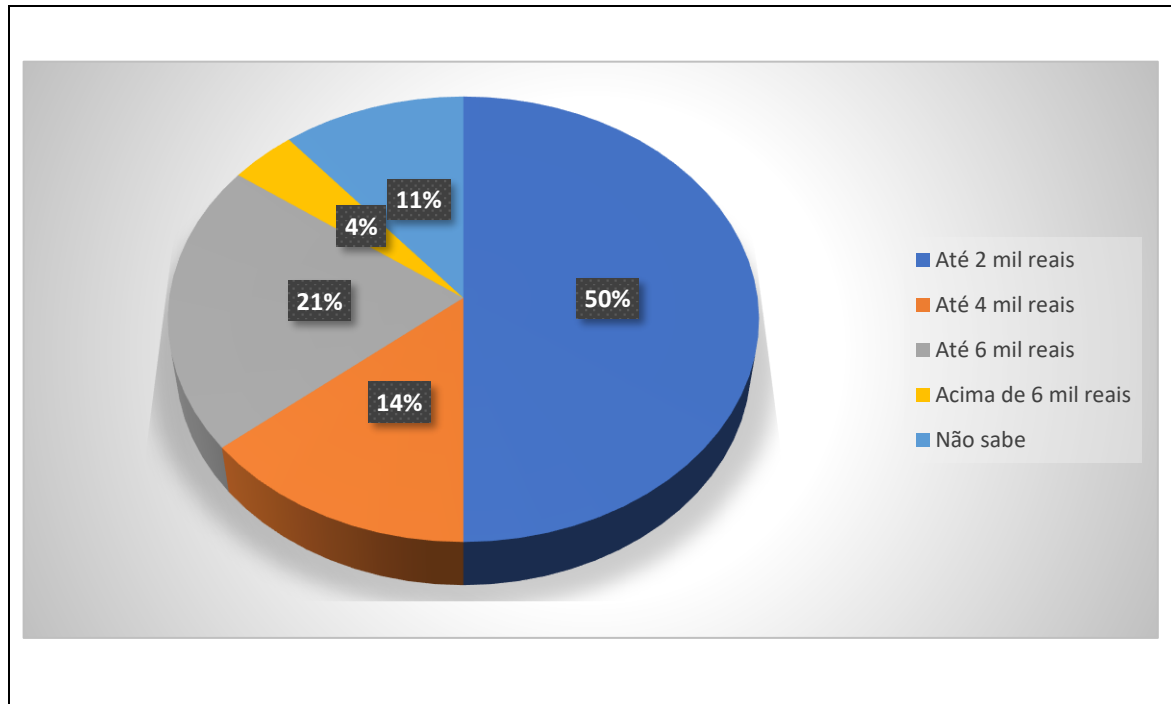
Para Santos (2008, p. 204), o ingresso nas atividades do circuito inferior geralmente é fácil, na medida em que, para isso, é mais necessário o trabalho que o capital. Algumas relataram trabalhar 10 horas por dia e/ou “De 12 a 15 horas”.

Demais trabalhadoras relataram respostas diversas, como:

Euripia 45; Eu trabalho mais quando eu viajo, quando eu chego, então é novidade eu atendo o dia inteiro, eu viajo no sábado, no domingo eu atendo o dia inteiro, na segunda sabe? Ai depois vai dando uma caída tem vez que é só umas 3 horas por dia só sabe?.

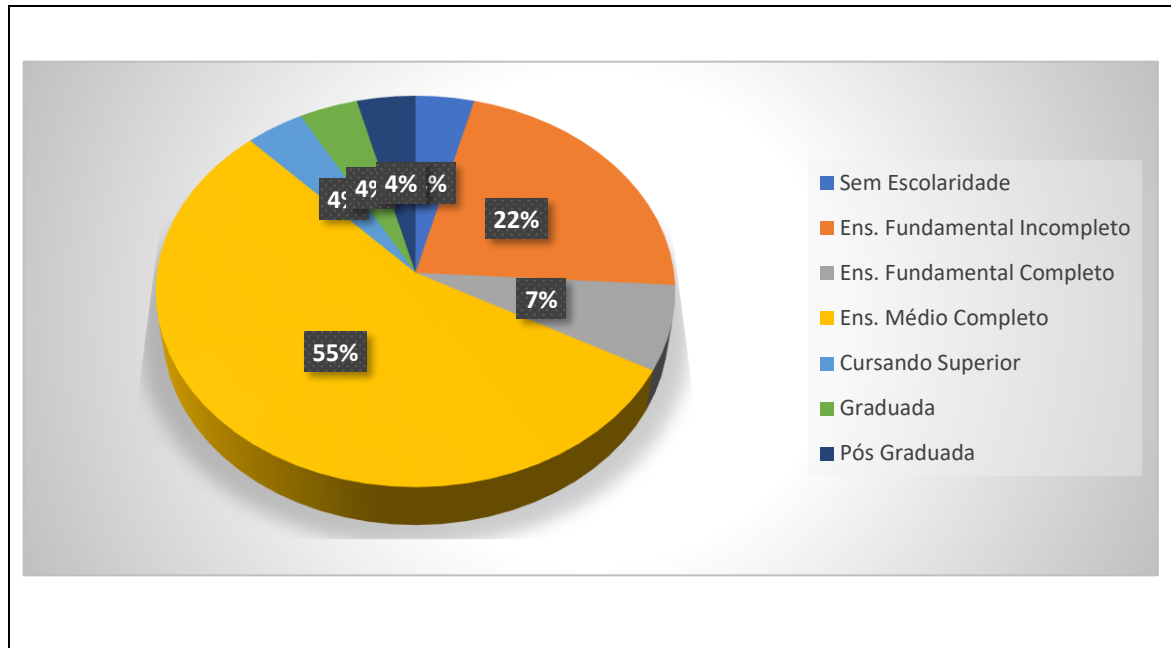
Adila 53; Não tenho horário determinado para trabalhar, qualquer hora do dia elas vem e pega mercadoria que deseja.

Anice 68; Depende, eu saio de manhã, eu saio à tarde às vezes eu saio à noite, então umas 4 horas por dia.

Gráfico 9: Capital investido pelas sacoleiras

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Santos (2008, p. 205) afirma que nem sempre é necessário ter frequentado uma escola. Essa afirmação fica evidente no Gráfico 10, a seguir, que apresenta a escolaridade dessas “sacoleiras”. 12% das trabalhadoras ingressaram no ensino superior, uma está cursando o ensino superior, uma é graduada e uma possui pós-graduação. 55% completaram o Ensino Médio e 33% não completaram o Ensino Fundamental. Além disso, uma delas afirma “Não tenho escolaridade”.

Gráfico 10: Escolaridade das sacoleiras

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Foi perguntado às trabalhadoras se elas vivem apenas da renda de sacoleira e se conseguem se manter apenas com essa renda, sendo obtidas as seguintes respostas:

Celina 53; Gosto muito de trabalhos manuais como tapetes, crochês, aumento minha renda com esse tipo de renda, de trabalho [...] Vivo com a renda de sacoleira e inteiro com meus trabalhos manuais.

Anice 68; Eu vivo apenas da renda de roupas, de sacoleira, tudo que eu tenho foi tirado das sacolas [...] Meus filhos sempre ajudei, todos a formarem.

Creusa 36; Não consigo me manter apenas com a renda de sacoleira não [...] eu trabalho como manicure, e busquei em relação a venda como complemento da renda mesmo, tenho outra profissão para poder somar as duas.

Odete 43; Consigo me manter só com essa renda, mas eu tenho que trabalhar muito, trabalhar muito mesmo, correr atrás, não pode ficar parada.

Por fim e não menos importante, observa-se que as sacoleiras são em sua maioria mulheres pardas e negras. Segundo o (IBGE) a informalidade atinge 47,3% de pretos e pardos no país, enquanto as pessoas brancas a porcentagem é de 34,6%. E o que chama mais atenção é de que as 27 entrevistadas são nordestinas, precisamente do estado de Alagoas.

4.1 A relação da Territorialidade com o trabalho de sacoleira

O alemão e geógrafo Friedrich Ratzel deu sequência aos estudos do território e reformulou o conceito associando-o ao “espaço vital”. Para ele, havia a necessidade de um grupo apropriar-se de um território com recursos naturais, garantindo seu povoamento, desenvolvimento e fortalecimento de um Estado. Para manter tal desenvolvimento, dependeria da conquista de mais territórios ou de novos “espaços vitais”. Nota-se, em sua teoria, uma associação a solo/terra, território e o Estado-Nação. Entretanto, mesmo sendo um dos princípios precursores dos estudos territoriais, Ratzel foi criticado por estudiosos do movimento de redescoberta do conceito de território, sobretudo a partir dos anos de 1960-70.

Opondo o pensamento de Ratzel, La Blache propõe uma nova perspectiva ao conceito de território, diferente da primeira teoria nesta há a existência da relação homem - meio. Aqui o homem recebe influências do meio em se que vive; entretanto é uma figura importante, pois considera-se um agente transformador da paisagem, independente das características físicas ele se adapta e transforma-o para seu próprio benefício.

A partir da década de 1960, surgiu um novo movimento que redescobriu novos conceitos ao território, sofrendo influência da corrente de pensamento pautada no materialismo histórico dialético e na corrente fenomenológica, que juntas traduzem perspectivas múltiplas de análise do território. A partir de então, o conceito de território ressurgiu de forma renovada e sistemática, contemplando a noção de dinamismo, as contradições, as relações de poder, as identidades, entre outras. A partir daí, surgiram novos conceitos relevantes para os estudos territoriais, como: territorialização, territorialidades, desterritorialização, reterritorialização.

Como já assinalado por Souza (2007) e Saquet (2010), o território tem sua raiz na chamada Geografia Clássica, e durante muito tempo esteve atrelado, quase exclusivamente, à concepção de território nacional (ligada ao poder legal que o Estado tem de interferir na delimitação de fronteiras físicas), ou vinculada ao aspecto físico natural.

O espaço, no entendimento de Raffestin (1993), é como se fosse à natureza primitiva/natural de que nos fala Marx. Essa natureza, ao entrar em contato com o ser humano por meio das relações de trabalho, transforma-se de natureza ou espaço natural em sociedade que, por sua vez, ao se apropriar deste espaço, o transforma em território.

O território é o processo de espacialização da sociedade. Portanto, podemos dizer que todas as relações humanas acontecem no território; por isso, entendemos a territorialização como uma relação inerente ao ser humano. Ou seja, a dimensão espacial e a territorialidade são componentes indissociáveis da condição humana (HAESBAERT, 2006).

Segundo Raffestin (1993), o espaço antecede o território. É a partir do espaço que o território é produzido, ou seja, o espaço se transforma em território na medida em que ocorre a

apropriação (material e/ou simbólica) do espaço pelos sujeitos. Este processo pode ser denominado de territorialização do espaço. Neste caso, para Raffestin (1993), a humanização da natureza não cria um espaço geográfico/social ou uma organização espacial e, sim, um território.

Todas as relações humanas fazem parte do território, porque todos nós necessitamos nos territorializar, pois esse processo envolve desde o domínio político-econômico à apropriação simbólico-cultural do espaço pelos sujeitos. Por isso, segundo Haesbaert (2006), podemos conceber a territorialização

[...] como o processo de domínio (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. Cada um de nós necessita, como um “recurso” básico, territorializar-se. Não nos moldes de um “espaço vital” darwinistartzeliano, que impõe o solo como um determinante da vida humana, mas num sentido muito mais múltiplo e relacional, mergulhado na diversidade e na dinâmica temporal do mundo (HAESBAERT 2006, p. 16).

Lefebvre *apud* Raffestin (1993) argumenta que a produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, autoestradas e rotas aéreas etc. Esses são alguns dos elementos e mecanismos que vislumbram a passagem do espaço ao território.

Ainda Para Lefebvre (*apud* RAFFESTIN, 1993), a territorialização do espaço ocorre na medida em que esse espaço é humanizado/historicizado, ou seja, é modificado pelas relações de trabalho e contém, por isso, relações de poder. Isto significa que as instalações dos fixos e fluxos no espaço, bem como todas as modificações no processo de organização espacial, como a agricultura, pecuária, indústrias, rodovias, etc., são produções do trabalho humano que transformam o espaço em território.

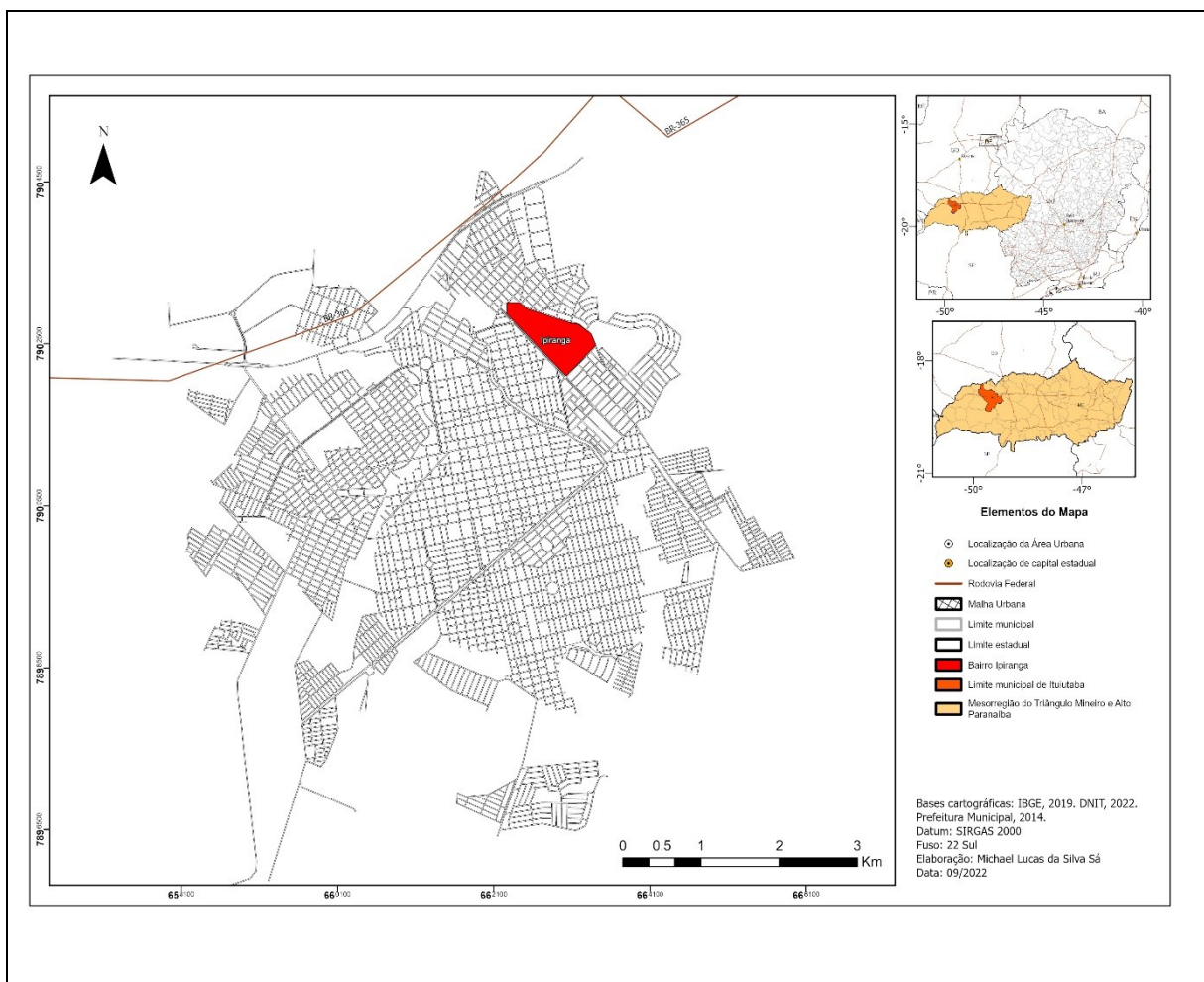
Em Dematteis (2005), observamos uma leitura do espaço a partir do processo de “territorialização” dos atores. Neste sentido, o território é um espaço modelado, construído por sujeitos em constantes embates e “tramas”, tornando-se um produto no qual o poder está presente. Com isso, as territorialidades, em suas várias escalas, não são dadas, mas construções que ligam uma multiplicidade de níveis territoriais e de quadros sociais, culturais e de poder (DEMATTEIS, 2005).

Saquet (2011) ao fazer uma releitura de Raffestin, especificamente neste ponto, nos confirma esse pensamento, apresentando uma leitura das territorialidades a partir das temporalidades. Afirma que dentro de uma análise geográfica, é necessário entender que cada

sujeito se territorializa de acordo com o seu tempo, já que este e a vivência na realidade espacial e territorial não é a mesma para todos. Para Saquet (2011), a existência dessas desigualdades temporais leva, conseqüentemente, a territorialidades diversas, a partir das diferentes escalas de ações dos sujeitos no espaço, numa perspectiva transescalar e transtemporal das práticas sociais.

De acordo com Sack (2011, p 76) “pensar em territorialidade somente como controle de área é uma definição reduzida”, pois a mesma envolve a “tentativa por parte de um indivíduo ou grupo de influenciar ou afetar as ações de outros, incluindo não humanos”. Sack (2011, p. 76) define a territorialidade como “a tentativa, por um indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”. Para melhor entender a territorialidade dessas trabalhadoras, observe os mapas seguir.

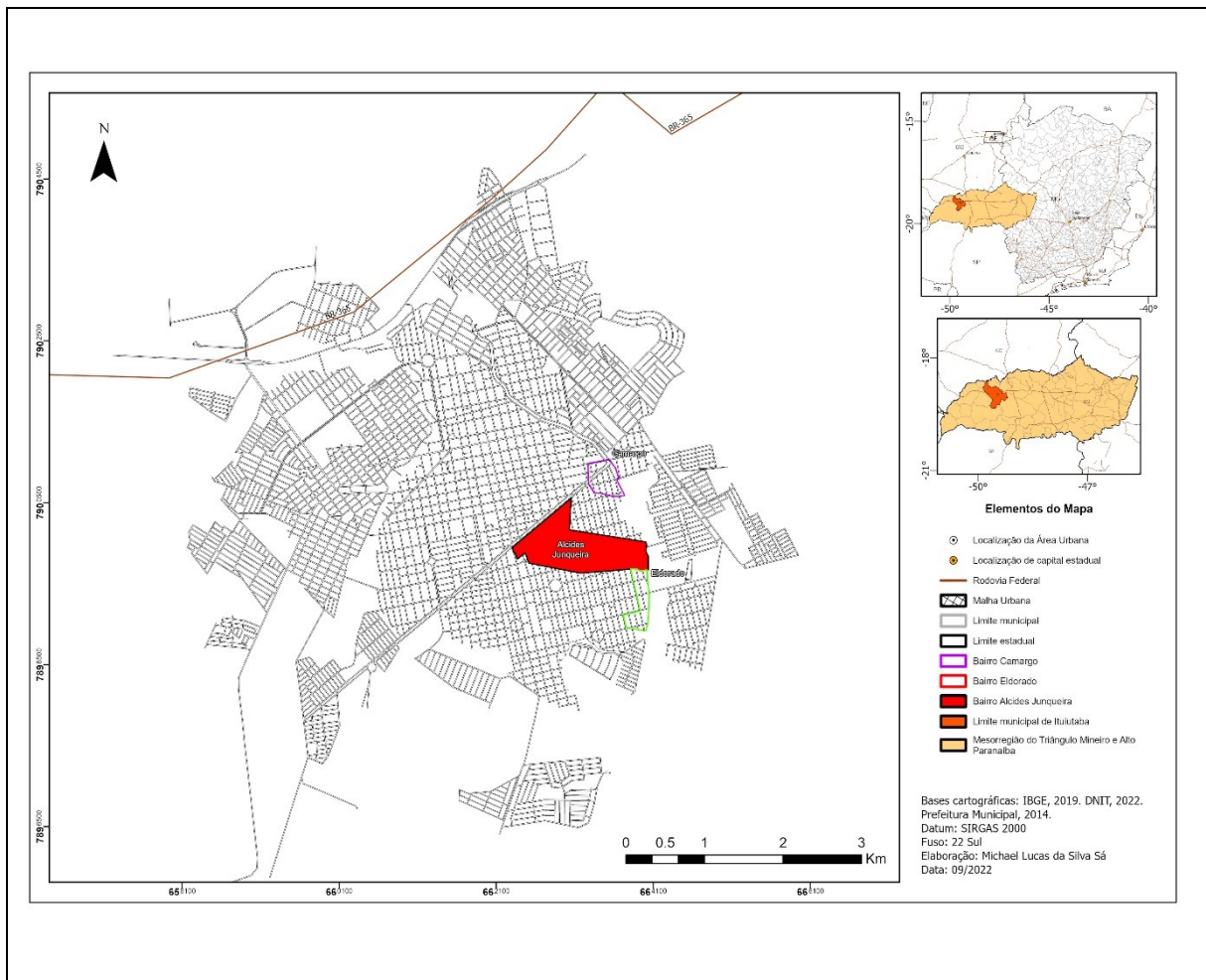
Figura 9: Mapa da territorialidade da sacoleira Adila



Fonte: IBGE (2019).

Uma das entrevistadas reside no bairro Ipiranga como mostra a figura 9 e afirma: “Vendo no bairro onde eu moro”; “Vendo para as minhas amigas para as minhas conhecidas que eu vendo, a maioria delas é aqui no bairro, muito pouco fora do bairro, é mais no bairro”. A mesma não possui veículos talvez seja consequência de a mesma afirmar não ter escolaridade impossibilitando a de ter CNH e realizar entrega de suas mercadorias em locais distantes.

Figura 10: Mapa da territorialidade da sacoleira Ana

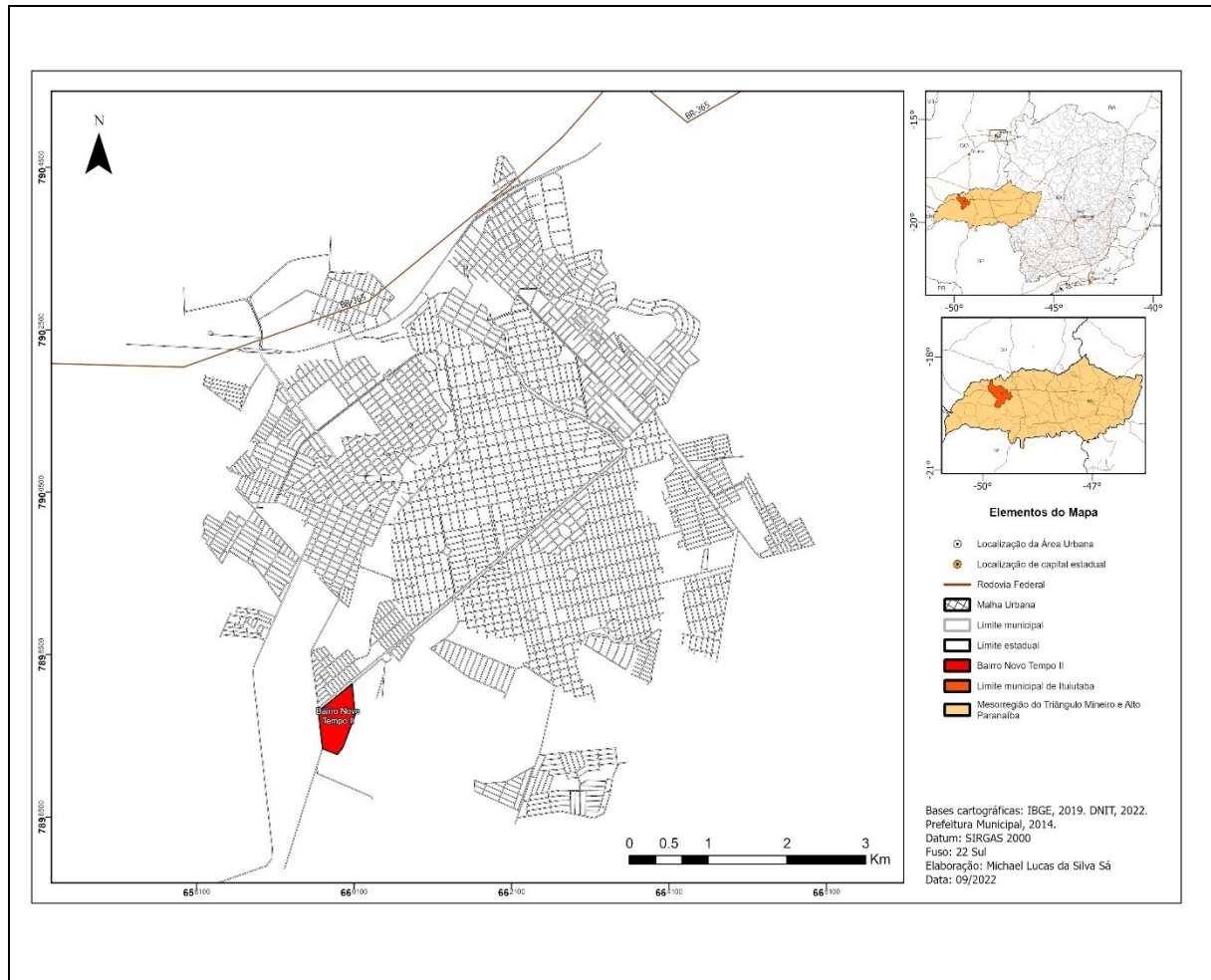


Fonte: IBGE (2019).

Observa-se na figura 10 a boa localização do bairro Alcides Junqueira. Além de ser cercado por inúmeros bairros consolidados, há a concentração de comércio e serviços em dois locais distintos. Um deles tem como ponto de referência o Supermercado Ferreira, aberto desde 1988, que, possivelmente, foi um passo para a abertura dos novos comércios. Hoje, pode-se dizer que há um possível subcentro neste bairro. A Rua José da Silva Ramos aglomerou comércios após a abertura da via pela qual atravessa ao Bairro Canaã. Mas, independentemente

de todas essas influências comerciais, a entrevistada diz “As vendas são feitas em vários bairros, Junqueira, Camargo, Eldorado”, bairros considerados vizinhos.

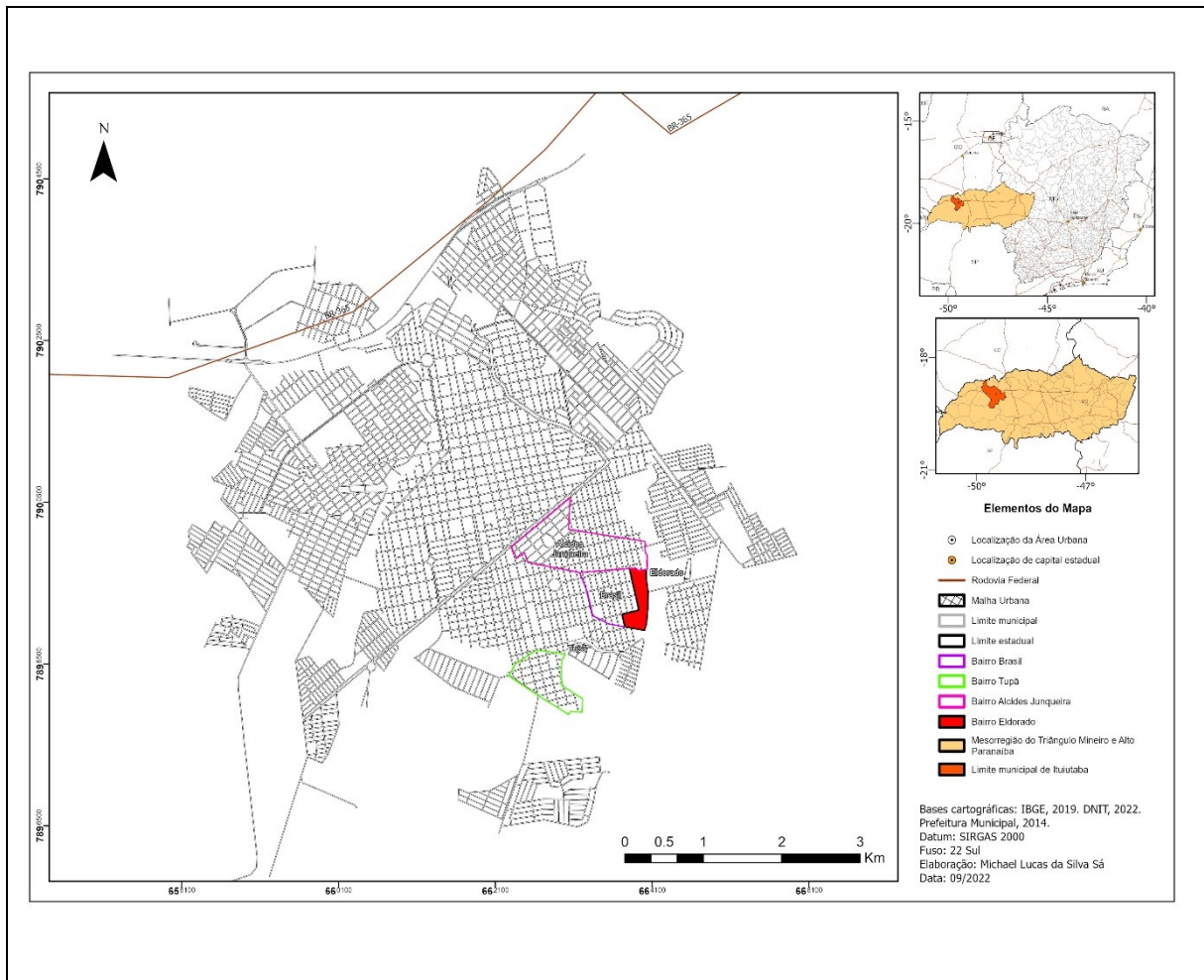
Figura 11: Mapa da territorialidade da sacoleira Terezinha



Fonte: IBGE (2019).

Uma das entrevistadas reside no bairro Residencial Carlos Dias Leite; que ainda não atualizado, aparece no mapa (Figura 11) com o nome de Novo Tempo II, conforme relato da entrevistada: “Vendo só mais no meu bairro Carlos Dias e Continuação do novo tempo 2” Observa-se, pelo mapa, a segregação socioespacial, interferindo diretamente em sua clientela pois, como informado, a maioria de suas vendas são realizadas no bairro que reside, por haver uma distância considerável até o centro de Ituiutaba, onde situa parte dos comércios e atividades econômicas. Portanto, vê-se a importância do comércio de bairro como uma forma de inclusão e inserção das classes desfavorecidas ao consumo.

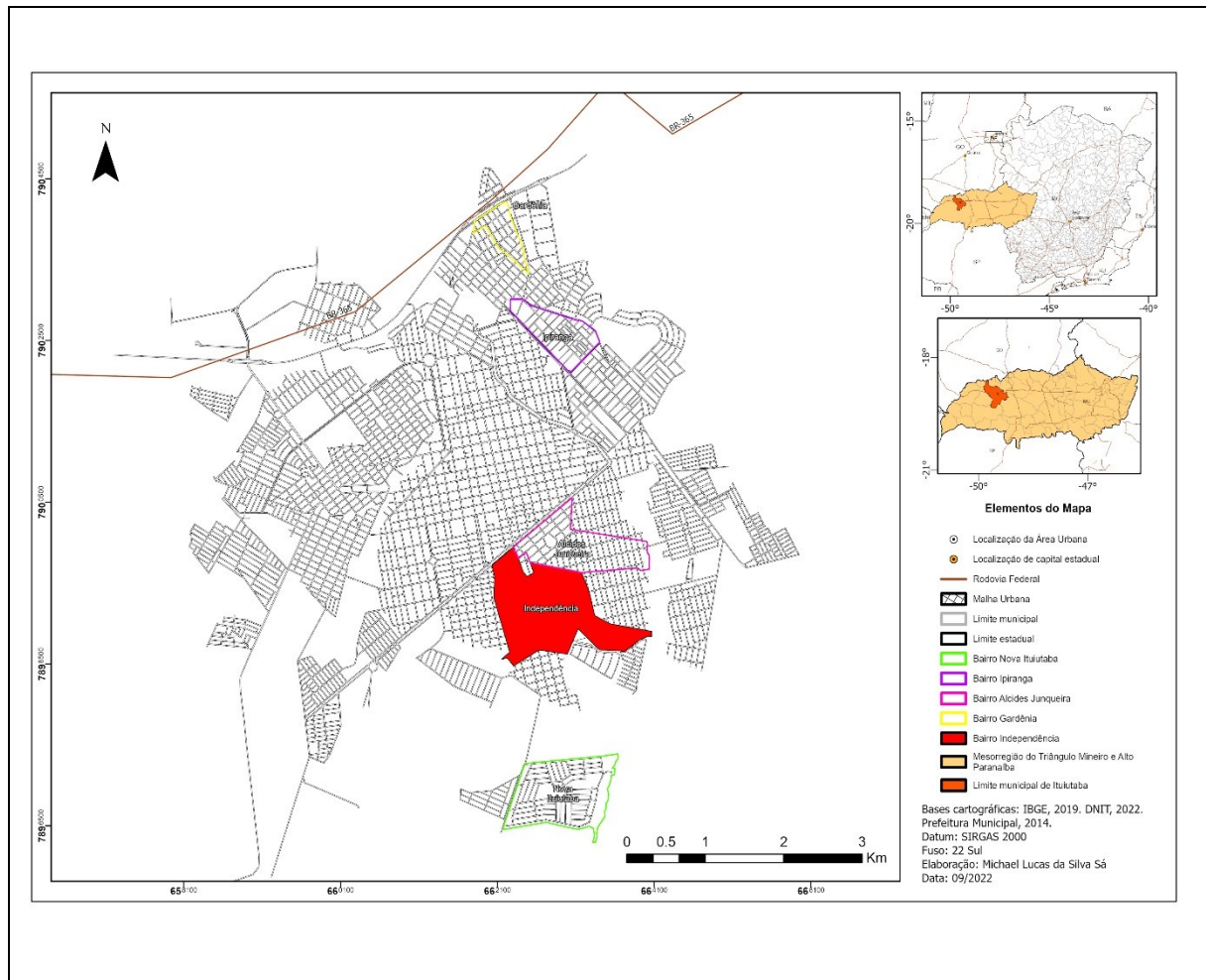
Figura 12: Mapa da territorialidade da sacoleira Judith



Fonte: IBGE (2019).

A figura 12 mostra os bairros pelo qual acontece a territorialidade da sacoleira, a mesma reside no bairro Eldorado e pelo fato de não ter veículos automotores, suas vendas são realizadas nos bairros de seu entorno e ou bairros próximos como Junqueira, Brasil, Tupã a mesma organiza suas peças que na maioria é lingerie e leva a pé até suas clientes, a mesma relata conhecer muita gente no Instituto Médico de Ortopedia e Traumatologia – IMOT localizado na avenida 7 c/ 22 e 24 no centro de Ituiutaba, para deslocar-se e vender para as colaboradoras das clinica a mesma utiliza do transporte público.

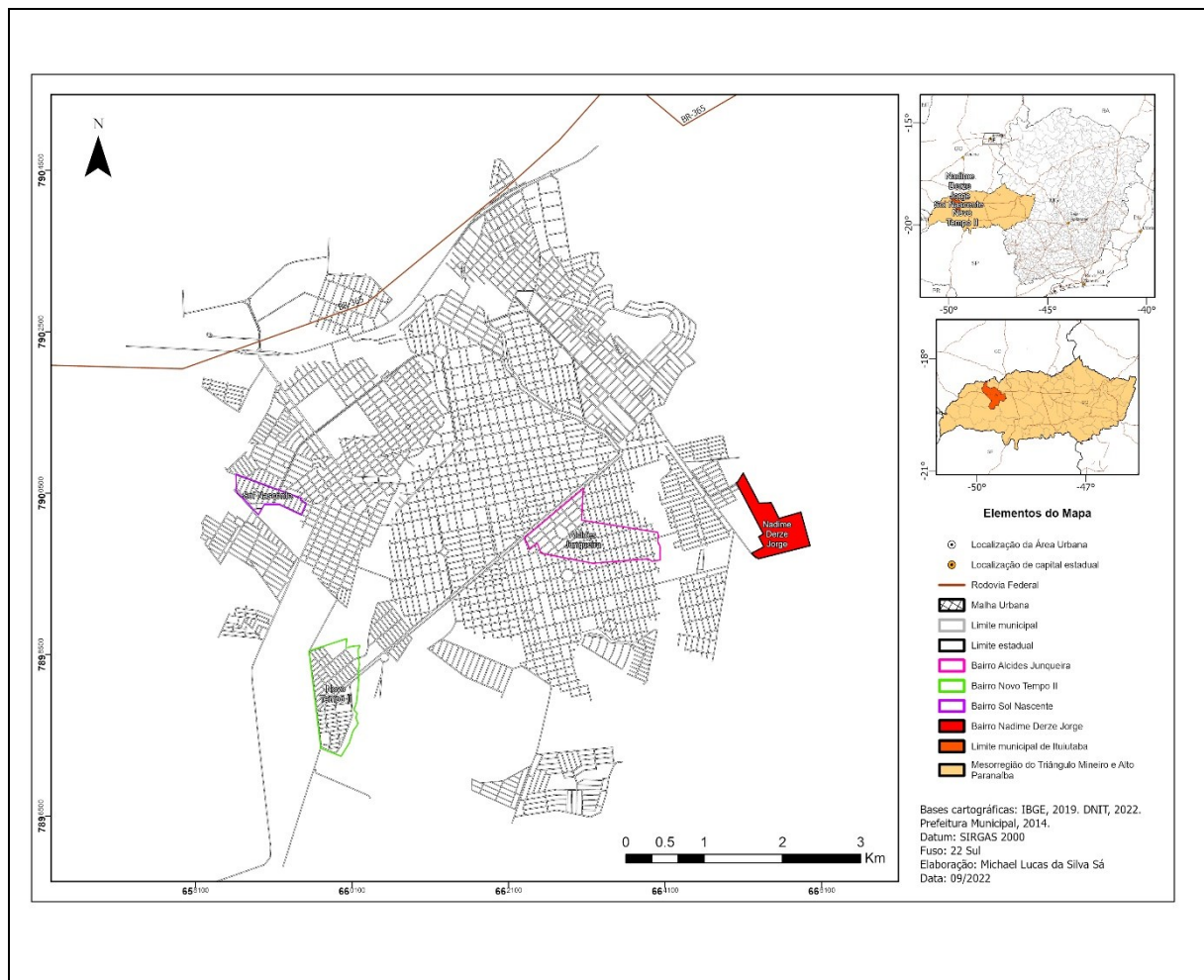
Figura 13: Mapa da territorialidade da sacoleira Odete



Fonte: IBGE (2019).

Na figura de número 13 vê-se no mapa os bairros pelos quais a sacoleira realiza a maioria das suas vendas, o fato da mesma ser assídua nas redes sociais ter uma moto e ser habilitada há anos a permite ter um público maior, a mesma já residiu há anos no bairro Junqueira e atualmente está no bairro independência, a mesma relata vender nos bairros citados anteriormente além do Nova Ituiutaba, Ipiranga e Gardênia.

Figura 14: Mapa da territorialidade da sacoleira Dolória



Fonte: IBGE (2019).

Na figura 14 vê-se que a sacoleira reside no bairro Nadime Derze Jorge II, e realiza suas vendas em bairros distantes, isso se dá pelo fato da mesma ter trabalhado no comércio há anos, um dos seus empregos foi em uma loja de calçados localizada no bairro Junqueira próximos de áreas comerciais importantes, isso pode explicar o fato da mesma ter grande parte dos seus clientes no bairro citado, pra completar esta trabalhou em uma loja consolidada e de renome no centro de Ituiutaba possivelmente aumentando o contato com demais clientes.

Por fim, as demais entrevistas relatam, vender na cidade toda. Um dos motivos se dá pelas publicações realizadas em redes sociais, abrangendo uma maior quantidade de pessoas/clientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver em uma sociedade com características predominantemente patriarcais tende a deixar a situação da mulher difícil, pois, mesmo após anos de luta em busca de seus direitos, a discriminação continua presente. As mulheres têm um nível de instrução/escolaridade maior do que o dos homens; porém, eles preenchem o maior número de empregos formais, têm oportunidade de ser promovido, garantindo cargos de chefia e melhores salários. Para as mulheres, essa oportunidade pode acabar quando o empregador pergunta se ela tem filhos e a resposta é positiva, muitos acreditam que a responsabilidade dos filhos é exclusiva da mãe.

A pesquisa apresenta trabalhadoras informais, sem muito nível de instrução, pouco capital investido e muita vontade de trabalhar, que separam um espaço de sua residência para depositar mercadorias que possam ser transformadas em lucro. Aqui enfatizo todo o planejamento realizado até a mercadoria chegar às mãos dos clientes. Estas trabalhadoras procuram estar antenadas e atualizadas no mundo da moda, fazem longas viagens em busca dos melhores polos têxteis de melhor custo benefício, utilizam de seus aparelhos tecnológicos para investir na divulgação dos seus produtos, expondo-os e garantindo novas clientes, além de, muitas das vezes, realizarem também o trabalho de entregadoras de suas mercadorias.

A atividade de sacoleira transita entre o circuito inferior da economia urbana, por possuir pouco capital investido, estoques reduzidos e não ser burocrática; e pelo circuito superior da economia urbana, pelo fato de utilizar de equipamentos modernos como celulares, computadores e máquinas de cartão, mesmo que em grau reduzido. Mas ressalta-se ainda assim características predominantes do circuito inferior da economia urbana.

Através do trabalho de sacoleira, muitas mulheres garantem sua independência financeira e, conseqüentemente, uma satisfação pessoal, trabalho este que “abraça” e pode ser desenvolvido por diversos públicos, desde a jovem excluída do mercado de trabalho por falta de experiência profissional até as mulheres de meia idade e/ou idosas que, por diversos motivos, não estão no mercado de trabalho formal. Essas mulheres se sentem satisfeitas por tal escolha por conseguirem uma renda que ultrapassa o salário mínimo, por terem autonomia para manejarem seus horários e por conseguirem conciliar o trabalho com atividades de seu cotidiano, como atividades domésticas, maternidade, estudar e cuidar de si.

Mas, como em todo trabalho informal, no de sacoleira há suas desvantagens. A oscilação da renda é uma delas. Isso dificulta a realização de planos a curto médio e longo prazo, tornando-se um problema social, por causar instabilidade financeira e insegurança ao se pensar no futuro. Além disso, o fato de não haver um vínculo empregatício precariza o trabalho, pois

não há garantia de direitos que a CLT proporciona, tais como férias, 13º salário, hora-extra remunerada, FGTS, vale-refeição, vale-transporte, licença maternidade, direito de afastamento caso sejam desencadeados problemas de saúde e, por fim, o de assegurar a tão sonhada aposentadoria.

Estudos mostram que a figura do MEI tem relação com a evolução da economia, pois o número de empreendedores que criam novos negócios cresce frequentemente, influenciando o desenvolvimento do país. É importante dizer os benefícios que a política pública do MEI garante aos trabalhadores ao formalizar suas atividades. Garante aposentadoria por idade, auxílio doença, auxílio maternidade, auxílio reclusão/pensão por morte para a família. O órgão responsável por auxiliar esses trabalhadores é o SEBRAE, cujas redes sociais são repletas de publicações referentes ao MEI. Há um investimento em propagandas, com o objetivo de convidar ainda mais pessoas a se tornarem MEIs. Hoje, esse número ultrapassa a marca de um R\$1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil reais) só no estado de Minas Gerais, mas ainda é pouco comparando a quantidade de trabalhadores inseridos em ocupações informais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, L; VALENZUELA M. E. (2005) “Women’s Labour Force Participation Rates in Latin America”. **International Labour Review**, vol. 144, n. 44, pp. 369- 399.
- ALVES, Branca Moreira. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- ARAÚJO, Adriane Reis de; FONTENELEMOURÃO, Tânia (Orgs.). **Trabalho de mulher: mitos, riscos e transformações**. São Paulo: LTr, 2007.
- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 452- 477, 2013.
- BEUREN, Ilse Maria; RAUPP, Fabiano Maury. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (org). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- BELTRÃO K.I. **Acesso à educação: existe igualdade entre os sexos?** Rio de Janeiro: IBGE, ENSE, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BRUSCHINI, M. C. A. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Estudos Feministas**, n. especial, p. 179-199, 1994.
- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A Bi-Polaridade do Trabalho Feminino no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, p. 67-104, jul. 2000.
- CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP,(14): 153-174, jun. 2000.
- CARLOTO, C. M.. Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, jan./jun. 2002. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_carlotto.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.
- FEGHALI, Marta Kasznar; DWYER, Daniela. **As engrenagens da moda**. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2001.
- FERRARI, Irany et al. **História do trabalho, do direito do trabalho e da justiça do trabalho**. 2. ed. São Paulo: LTR, 2002.
- GIUBERTI, A.C.; MENEZES-FILHO, N. Discriminação de rendimentos por gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, p.369-384, jul./set. 2005.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOWCROFT, D.; RICHARDSON, H. The back office goes global: exploring connections and contradictions in shared service centres. **Work, Employment and Society**, v. 26, n. 1, pp. 111-127, 2012.

KON, A. **A Estrutura Ocupacional Brasileira: uma abordagem regional**. São Paulo, NPP-EAESP/FGV, 1999.

LIMA, Mayara Gonçalves. Trabalho feminino e relações de gênero na feira do Açaí, no complexo do Ver-o-Peso em Belém. **Relatório final, Projeto Mercados Interculturais: Linguagens, práticas e identidades em contextos Amazônicos**. PIBIC/PROPESP, IFCH-UFPA, jul. 2014

MARX, K. L'idéologie allemande. In K. Marx. **Euvres complètes** (Tome III, pp.1087-1325). Paris: Gallimard, 1846.

MARX, K.; MELO, Nágela Aparecida.. Ituiutaba (MG): os agentes econômicos e a (re)estruturação da cidade na rede urbana regional. **Horizonte Científico**, v. 4, p. 1-35, Uberlândia, 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. 2006, 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORRISON, A.M.; GLINOW, M.A.V. Women and minorities in management. **American Psychologist**, v.45, n.2, p.200-208, Feb. 1990.

NASCIMENTO, Plínio Andrade Guimarães do; MELO, Nágela Aparecida de. Ituiutaba (MG): os agentes econômicos e a (re) estruturação da cidade na rede urbana regional. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 4, p. 1-35. 2010.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2001.

NORONHA, E. G. “Informal”, Ilegal, Injusto: Percepções do Mercado de Trabalho no Brasil”. **RBCS**, vol. 18, n. 53, out. 2003, pp. 111-179.

OLIVEIRA, Bianca S. **Ituiutaba na rede urbana tijuicana: (re) configurações sócio-espaciais de 1950 a 2003**. 2003, 208 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Francisco; STÉDILE, João P; GENOÍNO, José. **Classes sociais em mudança e luta pelo socialismo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. O circuito inferior da economia urbana e a expansão do circuito superior em Natal-RN/Brasil. **Para Onde!?**, vol. 6, n. 1, p 25-34, jan./jun. 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, R. D. O significado de territorialidade. In: DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis, Insular, 2011.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Coleção Ciências Sociais Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SALVADOR, D. S. C.O. Circuitos da economia urbana: reflexões sobre a atual dinâmica da cidade de Caicó-RN. **Sociedade e Território**, Natal, v. 24, n. 2, p. 167-188, jul./dez. 2012a.

SALVADOR, D.S.C.O. Espaço geográfico e circuito inferior da economia urbana. **Mercator**, Fortaleza, v. 11, n. 25, p.47-58, mai./ago. 2012b.

SANCHES, Osmar. **A economia informal e seus determinantes: uma análise comparativa entre as regiões metropolitanas de São Paulo e da cidade do México**. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTOS, ANA LUZIA da S. **Sacoleiras: a Conciliação Trabalho-Família das Mulheres Revendedoras de Confeção em Salvador-BA**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estudos de Gênero e Diversidade) – Universidade Federal da Bahia-UFBA, Bahia, 2014.

SANTOS, Milton. Uma revisão da teoria dos lugares centrais. In: SANTOS, Milton. **Economia Espacial: críticas e alternativas**. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória: lembrança e esquecimento. Trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960.** 1997, 151f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

SILVA, R. R. T. da. **O circuito inferior da economia urbana em Mossoró: a dinâmica do comércio ambulante.** 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **Cuadernos Del Cendes**, año 21, n. 57, tercera época, p. 01-21, sep./dic. 2004.

SOUZA, A.E.; GUIMARÃES, V.N. Gênero no espaço fabril. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração, 24, 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Anpad, 2000.

TAVARES, Maria Augusta. **A expansão subordinada das atividades informais à produção capitalista: o comércio de rua do Centro de Maceió.** Recife: UFPE, 1997.

VERGARA, Sílvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VERGARA, Sílvia Constant; TARTARUGA, Iván G. Território y Enfoque Territorial: las referencias cognitivas a los aportes aplicados al análisis de los procesos sociales rurales. In: MANZANAL, Mabel; NEIMAN, Guillermo; LATTUADA, Mario. (Org.). **Desarrollo Rural, Organizaciones, Instituciones y Territorio**, Buenos Aires: Ed. Ciccus, 2006, p.71 - 102.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Idade
2. Há quanto tempo exerce o trabalho de sacoleira?
3. Estado Civil?
4. Escolaridade?
5. Por qual motivo decidiu ser sacoleira?
6. Quais as vantagens em ser sacoleira?
7. Quais as desvantagens em ser sacoleira?
8. Trocaria o trabalho de sacoleira por um emprego formal? Se sim, por quê?
9. Qual sua renda mensal?
() Acima de 1 salário () Acima de 2 salários () Acima de 3 salários
10. O que você faz para aumentar suas vendas?
11. Onde você armazena suas peças?
12. Você leva as peças até sua cliente ou tem um ponto fixo para deixa-las?
13. Costuma trabalhar quantas horas por dia?
14. Você vive apenas da renda de sacoleira?
15. Consegue se manter apenas com a renda de sacoleira?
16. Já trabalhou com carteira assinada?
17. Procura trabalho com carteira assinada?
18. Você contribui com o INSS?
19. Possui dependente financeiro?
20. Faz uso de telefone celular, computador?
21. Costuma vender em nota promissória ou utiliza de maquinas de cartão para realizar suas vendas?
22. Adquirem as peças em lojas atacadistas?
23. Qual o capital inicial investido?
ATÉ 2000,00 () ATÉ 4000,00 () ATÉ 6000,00 MAIS DE 8000,00 ()
24. Já ouviu falar sobre Microempreendedor Individual?
() sim, mas não sou () sim, sou MEI () sim, tenho vontade de ser () nunca ouvi falar
25. Você sabia que se tornando um MEI você consegue benefícios iguais aos trabalhadores formais (Carteira assinada)? () Sim () Não
26. Qual bairro você mora? Em quais bairros acontecem a maioria de suas vendas?